

Pólis/Cosmópolis

Identidades Globais & Locais

**Carmen Soares, Maria do Céu Fialho
& Thomas Figueira (coords.)**

IMPRESA DA UNIVERSIDADE DE COIMBRA
COIMBRA UNIVERSITY PRESS

ANNABLUME

ITER POPULO DEBETUR:
REDE VIÁRIA E LEGISLAÇÃO NO IMPÉRIO ROMANO
(*Iter Populo Debetur: Road Network and Legislation in the Roman Empire*)

VASCO MANTAS (vgmantas@yahoo.com)
Universidade de Coimbra

RESUMO – A rede viária romana, impressionante tanto pela extensão e volume de trabalhos que exigiu, como pelas funções que lhe foram atribuídas, conta com raros testemunhos escritos de tipo técnico, obrigando a recorrer largamente à arqueologia para suprir esta surpreendente lacuna. Situação totalmente diferente é a que se refere às fontes disponíveis, jurídicas, literárias e epigráficas, para o estudo da legislação viária nas suas mais diversas vertentes, estatais, públicas e privadas, realçando claramente uma das características essenciais da civilização romana, o uso da Lei ao serviço da comunidade.

PALAVRAS-CHAVE : Roma, Vias, Legislação, Mobilidade, Ideologia

ABSTRACT – The Roman road network, quite impressive in its size and the magnitude of the maintenance that it required, is rarely associated with written technical evidence. This obliges us to call on archaeology to remedy this striking information gap.

A different situation characterizes the study of road legislation from the available juridical, literary, and epigraphic sources. These attestations elucidate the road network, including its public and private facets, clearly exemplifying an essential trait of Roman civilization, the use of law on behalf of the community.

KEYWORDS: Rome, Roads, Legislation, Travelling, Ideology

O reconhecimento da importância da rede viária construída pelos Romanos e da sua função unificadora do Império é consensual, ainda que a sua expressão varie significativamente, quer a encontremos num texto literário, num texto de teor rigidamente científico ou numa despreziosa obra de divulgação¹. Não faltam vestígios dispersos pelos quatro cantos da România para suscitar e sustentar esta admiração colectiva, imponentes, uns, mais modestos na maioria dos casos, mas sempre testemunhos de uma vontade forte, capaz de vencer a oposição dos homens e da natureza². Não devemos, portanto, estranhar que o assunto tenha motivado enorme bibliografia, sempre crescente, contemplando aspectos gerais ou estudos específicos, estes mais numerosos. Se considerarmos que o *Itinerarium Antonini Augusti*, famoso roteiro viário romano elaborado no século III a partir de

¹ Abreviaturas no texto: *Corpus Inscriptionum Latinarum*, Berlim (=CIL); *Ephemeris Epigraphica*, Berlim (=EE); *Année Épigraphique*, Paris (=AE); *United States Air Force* (=USAF). Agradecemos cordialmente a preparação das figuras desta comunicação ao Dr. Luís Madeira.

² Kleiner 1991: 182-192.

documentos que ainda se discutem³, enumera 372 grandes itinerários cuja extensão, segundo este fundamental documento, atinge 53638 milhas, ou seja, cerca de 80000 quilómetros, teremos uma noção clara da envergadura do trabalho executado, sublinhando que o roteiro está longe de incluir todas as estradas do Império, nomeadamente aquela que conserva um dos mais impressionantes monumentos viários romanos, a lusitana Ponte de Alcântara, sobre o Tejo⁴.

Deixemos que os Antigos se pronunciem, ainda que de forma retórica, como no texto de Élio Aristides que transcrevemos⁵, sobre o que realmente significou a mobilidade existente no mundo romano: *Fostes ainda vós quem melhor estabeleceu a geral asserção que a Terra é mãe de todos e pátria comum. De facto, agora é possível para Helenos e não Helenos, com ou sem a sua propriedade, viajar por onde queiram, à vontade, como se fossem de pátria em pátria. Nem as Portas Cilicianas, nem os estreitos e arenosos caminhos para o Egipto, através da região árabe, nem as inacessíveis montanhas, nem os caudalosos cursos de água, nem as tribos inóspitas de bárbaros causam terror, pois para segurança basta ser cidadão romano, ou antes, ser um dos que se uniram sob a vossa hegemonia. Homero disse: “Terra comum para todos”, e vós tendes feito com que isso seja verdade. Percorrestes e registastes a terra de todo o mundo civilizado; estendestes sobre os rios todas as espécies de pontes e cortastes estradas das montanhas e enchestes as estéreis áreas com postos de correios, habituastes todas as regiões a um determinado e ordeiro modo de vida* (Élio Aristides, *Or. Rom.*, 26).

A rede viária romana, nascida de necessidades militares, desde logo na Itália e depois ao acompanhar o desenvolvimento territorial do Império, constituiu não apenas um formidável instrumento de domínio, mas sobretudo um fundamental factor de unificação. As comunicações, terrestres e marítimas, permitiram desenvolver contactos regulares entre as várias províncias e destas com a Itália, constituindo-se fluxos económicos e culturais que gradualmente moldaram o Império⁶. Não nos interessa, neste momento, questionar o sentido do imperialismo romano. Limitar-nos-emos a sublinhar os seus múltiplos aspectos positivos, um dos quais consistiu na existência de um fenómeno novo, ou pelo menos com uma envergadura até então desconhecida, o de uma mobilidade à escala do mundo, como o cordovês Lúcio Seneca tão claramente o exprimiu: *Nil qua fuerat sede reliquit pervius orbis: Indus gelidum potat Araxen, Albin Persae Renhumque bibunt* (Séneca, *Medea*, 371-374).

A sociedade romana, desde os tempos mais recuados até aos dias finais do Império do Ocidente, atribuiu sempre valor simbólico à construção de estradas e das necessárias obras-de-arte, com particular destaque para as pontes. Recordamos o dito de Tito Lívio, classificando como bárbaro um povo sem estrada (Lívio, 34, 20, 2), e a epístola de Plínio-o-Moço ao poeta Canínio, que lhe anunciara o

³ Roldán Hervás 1975: 19-37; Salway 2001: 22-28, 39-43; Mantas 2012: 76-82.

⁴ Blanco Freijeiro 1977; Durán Fuentes 2005: 264-272; Mantas 2012: 237-241.

⁵ Fontanella 2008: 203-216.

⁶ Chevallier 1988; Laurence 2001: 167-176.

intento de escrever um poema sobre a conquista da Dácia, felicitando-o por cantar novas pontes lançadas sobre os rios (Plínio-o-Moço, *Epist.*, 8, 4).

Não faltam, naturalmente, testemunhos do valor político dos empreendimentos viários, testemunhos que se repartem por fontes literárias, epigráficas e numismáticas. Muitas grandes carreiras começaram, como a de *C. Iulius Celsus*, personalidade equestre conhecida por uma epígrafe proveniente do santuário do Sol e da Lua que existiu no Alto da Vigia, perto da Praia das Maças (Sintra), pela curadoria das grandes vias, neste caso a Via Emília e a Via Triunfal, na Itália⁷.

Os imperadores, desde logo Augusto, utilizaram os trabalhos viários como elemento de propaganda, associando à imagem nova do evergetismo imperial, de forma feliz, uma tradição cara aos magistrados republicanos (Fig.1). São particularmente significativos os testemunhos numismáticos que comemoram trabalhos viários empreendidos por iniciativa imperial, sobretudo na Itália, parte de um sistemático discurso ideológico repetido em milhares de miliários dispersos por todo o Império e nas inscrições monumentais dos arcos que ornavam, aqui e ali, as grandes pontes do mundo romano⁸, sob muitas das quais continua a passar a água e o tempo. Imagem quotidiana da *Utilitas* ao serviço da *Res Publica*, tornam-se estes trabalhos uma afirmação da grandeza pragmática de Roma e da sua missão civilizadora universal, a que outros chamarão imperialismo, sem que em nada possam ser diminuídos enquanto reflexo de progresso numa concepção linear do tempo histórico, aliás tão ao gosto contemporâneo. A importância simbólica dos trabalhos viários no Império foi tal que, cremos, se projectou nas alterações sofridas pelo culto imperial a partir do século III, gradualmente menos visível em ambientes urbanos à medida que os miliários honoríficos se multiplicam em consequência de uma autêntica liturgia através da qual as cidades celebram o imperador custeando trabalhos viários como anteriormente lhe dedicavam termas ou teatros.



Fig.1 - Denário de Augusto comemorativo da reconstrução da Via Flaminia.

⁷ Lambrino 1952: 142-150; Ribeiro 2002: 235-239.

⁸ Pensa 1979. 19-27; Arzone 2011: 77-92.

Este valor simbólico da via romana sobreviveu à queda do Império, ganhando aspectos novos, alimentadores de lendas ou, posteriormente, inspiradores da busca de uma unidade para sempre perdida com o ocaso imperial. Por isso, não é difícil compreender o extraordinário desenvolvimento do mito da perenidade e ubiquidade das vias e pontes romanas. Com feito, basta atentar no que dizem os textos antigos sobre a condição de muitas estradas ou considerar as inúmeras referências a trabalhos de reconstrução que os miliários ostentam, para que esta pernicioso mania erudita se reduza às dimensões da realidade. Uma obra recente de Manuel Durán Fuentes sobre as pontes romanas da Hispânia limita a trinta e cinco o seu número⁹, o que, mesmo considerando a possibilidade de incluir mais algumas, mostra como a raridade prevalece sobre a vulgaridade, conclusão que se pode alargar aos troços de vias romanas conservados.

Espalhou-se também a ideia de que na Idade Média pouca atenção se prestou às estradas e às pontes, o que é, no mínimo, um exagero evidente. Eis o que, no século XVI, o Doutor João de Barros escreveu sobre pontes e calçadas: *São muitas as pontes de Entre Douro e Minho que alguns estimarão em duzentas, o que me parece que pode ser ante as quais ham muitos caminhos, Calçadas de pedra onde se requerem, em tal maneira que os que vem a Lisboa daquella terra não tem paciência quando passam pela Serra de Ancião, que com falta de deligência não se pode andar no inverno e quasi assim no verão*¹⁰. Este texto é particularmente elucidativo quanto à existência de estradas no início da Idade Moderna, em parte herdadas do período anterior, assim como quanto ao estado de degradação da rede viária romana, pois nas proximidades de Ansião passavam duas importantes vias romanas unindo *Seilium* (Tomar) a *Conimbriga* (Condeixa-a-Velha).

Não se pense, todavia, que a má qualidade de muitas estradas romanas se limitava a zonas periféricas do Império ou a áreas de menor interesse e fraca população. O que Horácio escreveu no conhecido texto em que descreve a viagem a Brindisi, envolvido nos meandros negociais do Segundo Triunvirato, é muito significativo, tanto mais que se trata da *Via Appia*. Vejamos apenas uma passagem: *Em seguida chegámos a Rubi, muito fatigados, porque tínhamos desfiado uma longa estrada que, ainda por cima, a chuva tinha danificado. No dia seguinte o tempo melhorou, o caminho piorou, até aos muros da piscosa Barium* (Horácio, *Sat.*, 1, 5). A razão para este tipo de queixas tem muito que ver com a categoria e tipologia das estradas, que durante muito tempo, mesmo na Península Itálica, foram de construção mais ligeira do que

⁹ Durán Fuentes 2005: 351-352.

¹⁰ Barros 1919: 125.

normalmente se admite, pois muitas das obras que deram às grandes vias o aspecto de autênticas calçadas remontam apenas a trabalhos efectuados no século II. Não vamos, porém, desenvolver a análise dos processos construtivos das vias romanas, uma vez que o nosso objectivo consiste essencialmente em enumerar alguns aspectos jurídicos relacionados com a construção, manutenção e utilização das vias, ainda que referências às características técnicas não estejam ausentes da literatura jurídica.

Quais são, afinal, as fontes disponíveis para o conhecimento da rede viária romana, entendida *senso lato* e não apenas no que toca às grandes estradas? Em primeiro lugar, naturalmente, os testemunhos de tipo arqueológico, ou seja, os restos físicos da estrada e do seu equipamento. Embora menos vulgares do que geralmente se admite, como já referimos, como fonte primária que são possuem um valor muito especial. O seu estudo permite esclarecer dúvidas ou comprovar afirmações existentes noutro tipo de fontes. É de realçar a pobreza de textos técnicos referindo os métodos de construção viária, circunstância que parece anormal considerando o relevo atribuído à rede de estradas. Não tentaremos explicar a razão desta lacuna, devida tanto a um certo desinteresse por esta matéria, característico de uma sociedade que se interessava mais pelo objecto do que pela sua produção, como pelo alheamento dos copistas medievais em relação a qualquer possível código que tenha sobrevivido.

Na verdade, não se conhece nenhum texto específico sobre as técnicas de construção de estradas, pois aquilo que se atribui a Vitruvius e a Plínio-o-Antigo como descrevendo a infraestrutura de uma via nada tem que ver com estradas (Vitruvius, *De Arch.*, 8, 1; Plínio, *N.H.*, 36, 25, 184-187). Curiosamente, o texto mais completo e elucidativo ocorre sob a forma de poema, um dos trinta e dois que fazem parte das *Silvae* de Públio Papínio Estácio, denominado *Via Domitiana* (Estácio, *Silv.*, 4, 3), no qual o poeta descreve minuciosamente a construção desta via na Campânia, estrada de que subsistem ainda hoje importantes vestígios visíveis, como o celebrado *Arco Felice* (Fig.2), perto de Pozzuoli, e outros submersos na baía de Nápoles, denunciados pela ondulação. As fontes escritas facultam informações de interesse, mas bastante dispersas, reflectindo a sua própria variedade. Os roteiros viários sobreviventes, como o *Itinerário de Antonino*, o *Burdigalense* e a *Cosmografia* do Anónimo de Ravena, embora fundamentais para o conhecimento geral das vias romanas, pouco ou nada oferecem do ponto de vista legal, ainda que o segundo destes especifique cuidadosamente a categoria das diferentes estações viárias: *civitates*, *mansiones*, *mutationes*.



Fig.2 - O *Arco Felice*, viaduto da *Via Domitiana* entre Pozzuoli e Cumas.

A *Tábua de Peutinger*, cópia medieval de um mapa viário romano conservada em Viena, transmite um dado interessante ao informar ser a légua (= 2222 metros) e não a milha romana normal a medida oficial de distância em determinadas regiões do Império, nomeadamente no norte da Gália e na Germânia¹¹. Um dos

¹¹ Grenier 1934: 101.

relevos do monumento funerário dos *Secundini*, em Igel, perto de Trier, parece mostrar um miliário com a indicação L IIII, correspondente a quatro léguas (Fig.3). O problema do valor da milha, que continua a ser discutido sem razão e que, na Hispânia, foi particularmente complicado pela pretensa existência de uma milha ibérica, de valor variável, encontra fácil solução se aceitarmos o que Políbio escreveu a propósito da *Via Domitia*, estrada que conduzia à Hispânia através da Narbonense: *Os Romanos arranjaram esta estrada e marcaram-na cuidadosamente com marcos de oito em oito estádios, quer dizer, de milha em milha* (Políbio, 3, 3, 8). Esta referência, inserida num texto historiográfico, permite atribuir à milha romana o seu valor legal normal, equivalente a 1480 metros¹², valor plenamente confirmado pelos miliários *in situ*. Os exemplos que indicámos, envolvendo fontes cartográficas, epigráficas, literárias e iconográficas, demonstram que só através do cruzamento de dados é possível conhecer muitos dos aspectos directa ou indirectamente relacionados com a legislação viária, embora alguns dos mais triviais continuem desconhecidos, como sucede com o sentido de circulação, embora existam alguns indicativos de que, pelo menos no Ocidente, se fizesse pela esquerda.



Fig.3 - Relevo de Igel (Trier) mostrando um marco indicando a distância em léguas.

¹²Trata-se, seguramente, do estádio alexandrino, equivalente a 185 metros.

O estudo da rede viária romana não pode concretizar-se, portanto, através da análise exclusiva dos restos arqueológicos das estradas, como não pode limitar-se aos trajectos terrestres, considerando a importância que os percursos fluviais e as vias marítimas conheceram como parte de um sistema de comunicações integrado. As tarifas de transporte terrestre, fluvial e marítimo, incluídas no Édito do Máximo, sob a Tetrarquia¹³, são mais do que elucidativas quanto a este aspecto fundamental da mobilidade no mundo romano. Não pode também, como tantas vezes sucede, limitar-se o estudo da rede viária à tentativa de estabelecer com maior ou menor rigor o traçado das estradas através do estudo arqueológico dos seus restos, relativamente fácil em estradas como a Via de la Plata, entre Mérida e Astorga, ou a *Via Nova*, entre Braga e Astorga, uma e outra balizadas ainda hoje por muitas dezenas de miliários¹⁴, mas muito mais difícil quando se trata de estradas secundários ou caminhos vicinais. Assim, muito para além do aspecto arqueológico existe um imprescindível estudo histórico da rede viária, nitidamente atrasado em relação ao estudo dos traçados e no qual os aspectos legais assumem primordial importância.

As fontes epigráficas revelam-se, a par de algumas fontes literárias, particularmente valiosas para estabelecer a história de uma determinada estrada (Fig.4), ainda que as informações se refiram quase sempre a vias de primeira importância, como acontece com a maior parte dos cerca de 10000 miliários que sobreviveram até aos nossos dias. Muitas vezes a cronologia de um terminado traçado só pode estabelecer-se a partir das informações facultadas por estes monumentos, cujas fórmulas contidas nas epígrafes eram, em princípio, estabelecidas oficialmente pelo governador provincial a partir de instruções recebidas da secretaria imperial¹⁵. Os miliários contêm com alguma frequência informações sobre as circunstâncias da construção ou reconstrução da estrada, magistrados envolvidos e, muito raramente, o financiamento da obra, como se verifica, por exemplo, em certos troços da *Via Appia*, custeados pelo imperador Adriano e particulares, e que importaram em mais de 100000 sestércios por cada milha beneficiada¹⁶.

¹³ Giachero 1974; Crawford, Reynolds 1979: 163-210.

¹⁴ Puerta Torres 1995: I, 19-30, 107-146; Rodríguez Colmenero, Ferrer Sierra, Álvarez Asorey 2004: 353-400.

¹⁵ Pekary 1968: 8-6.

¹⁶ Pekary 1968: 93-97, 167; Melchor Gil 1992:121-137.



Fig.4 - Inscrição honorífica a Caracala, dedicada pelos *mancipes* das vias *Appia*, *Traiana* e *Annia* (Museo della Civiltà Romana).

Particularmente interessantes são as inscrições honoríficas colocadas em monumentos comemorativos directamente associados à via, por vezes colocadas em arcos, como já vimos, ou de forma mais simples, gravadas junto ao leito da estrada, caso da *Tabula Traiana*, junto ao Danúbio, nas Portas de Ferro (Fig.5). Em Polla, na Lucânia, sobreviveu uma longa inscrição numa base de estátua levantada a um pretor desconhecido, provavelmente do último terço do século II a.C., cujo texto constitui um excelente exemplo deste tipo de fontes (*CIL I 551 = CIL I² 638*), valorizado, neste caso, pela evidente antiguidade. Reproduzimos aqui apenas a parte do texto relacionado com as estradas: *Viam fecei ab Regio ad Capuam et / in ea via ponteis omneis miliarios / tabelariosque poseiui hince sunt / Nouceriam meilia LI Capuam XXCIIII / Muranum LXXIIII Cosentiam CXXIII / Valentiam CLXXX [-] ad Fretum ad / statuum CCXXXI [-] Regium CCXXXV[II] / suma af Capua Regium meilia CCC/XXI[-]*. De acordo com o teor do *elogium* não parece difícil situar o monumento no cenário político das reformas empreendidas pelos Gracos¹⁷.



Fig.5 - A *Tabula Traiana*, nas Portas de Ferro (Kladovo), comemorando as obras viárias de Trajano no Danúbio.

¹⁷ Bracco 1985: 93-97; Salway 2001: 48-49.

Por vezes o testemunho de trabalhos viários é mais lacónico, limitando-se a indicar simplesmente a unidade militar envolvida na obra, como a *Legio VI Victrix*, na Ponte de Martorell¹⁸, perto de Barcelona ou, como no formidável corte de Prisco Montano, destinado a facilitar a passagem da *Via Appia* em Terracina, onde apenas subsistem os numerais gravados à medida que o trabalho avançava na encosta do Monte Santangelo, até quase ao nível do mar, 138 metros abaixo. Ainda que este tipo de testemunhos não possa situar-se entre os dados de tipo administrativo ou jurídico, como é evidente, não deixam de contribuir para a interpretação do que se conhece através de outras fontes, pelo que nos pareceu importante recordá-los aqui.

Passemos então às fontes jurídicas propriamente ditas. Estas, com toda a probabilidade, reflectem na sua relativa abundância, contrastante com as fontes de natureza técnica, uma das características essenciais da mentalidade romana, o gosto pela organização e enquadramento legal das diversas actividades do quotidiano. As fontes jurídicas podem ser de duas qualidades principais: directas e indirectas. Fontes directas são aquelas que correspondem a textos legais que se referem estritamente a questões viárias, como sucede na *Lei das Doze Tábuas* quanto este código fundador do Direito Romano determina que uma *via* deve ter 8 pés de largura, um *actus* deve ter 4 pés e o *iter* metade desta medida, ou seja, 2 pés (*Digesta*, 8, 3, 1). É claro que se trata de um texto arcaico, que não pode ser invocado dogmaticamente para assegurar a classificação como romanos de caminhos muito posteriores, da mesma forma que não pode impedir a classificação de autênticas estradas romanas que não coincidam com as referidas medidas. Basta recordar os valores que o agrimensor Higino, distinto de outro Higino que terá vivido na época de Trajano¹⁹, ao referir uma lei de Augusto, concede aos eixos das centurições: *decumanus maximus*: 40 pés; *kardo maximus*: 20 pés; *decumani* e *kardines* secundários: 8 pés (Higino Gromático, *Constitutio Limitum*: Thulin 157). Veremos oportunamente como a terminologia viária também evoluiu desde então e até à época imperial, obrigando a considerar cautelosamente as indicações da *Lei das Doze Tábuas*, cujo contexto é o dos primórdios da República Romana, quando os limites da cidade eram exíguos e as necessidades do tráfico reduzidas. A legislação viária recolhida no *Código de Teodósio* permite aferir a amplitude das modificações verificadas ao longo de oito séculos²⁰.

As fontes jurídicas indirectas são bastante numerosas, sobretudo as de ordem historiográfica e as de ordem oratória e epistolar. No primeiro caso recordamos, apenas como exemplo, as numerosas informações contidas na obra

¹⁸ Durán Fuentes 2005: 120-121.

¹⁹ Clavel-Lévêque 1996: ix-xiv; Behrends 2000: vii-xxii.

²⁰ Pharr 2008.

de Tito Lívio²¹; no segundo caso não faltam referências a aspectos legais nos discursos de Cícero, como no *Pro Fonteio*, muito elucidativas sobre as práticas que envolviam a construção de estradas: *Acusa-se também Marco Fonteio de ter obtido benefícios da reparação de estradas, porque ou não as fazia reparar, dizem, ou não recusava a aprovação a nenhuma das reparações efectuadas. Se todos foram obrigados a colaborar nas reparações e são muitos os que viram as obras recusadas, é falso que se tenha dado o dinheiro para a dispensa, porque ninguém foi eximido, nem para a aprovação porque muitos trabalhos não foram aprovados [...] Ocupado como estava Marco Fonteio em assuntos mais importantes para a República, e sendo do interesse público que fosse reparada a Via Domitia, encarregou do assunto homens de primeira fila, os seus legados Gaio Ânio Beliano e Gaio Fonteio. Por isso eles dirigiram as obras; dispuseram, conforme à sua dignidade, o que lhes parecia a propósito e aprovaram os trabalhos* (Cícero, *Pro Font.*, 8, 17)²².

A epistolografia, uma arte humanista em vias de se perder definitivamente, permite identificar numerosas referências a actividades ou factos relacionados com aspectos administrativos ou jurídicos das estradas romanas. Lembramos apenas uma carta de Trajano a Plínio-o-Moço, na qual, mais uma vez deparamos com o problema da mão-de-obra forçada: *Àqueles que foram condenados durante estes últimos dez anos e que foram libertados sem ordem válida, é necessário fazer-lhes cumprir a pena. Se houver alguns julgados anteriormente, os velhos condenados há mais de dez anos, é preciso ocupá-los em trabalhos que se aproximem da sua pena. Em casos semelhantes é costume empregar as pessoas nas termas, na limpeza de esgotos, na reparação de vias e ruas* (Plínio-o-Moço, *Epist.*, 4, 10). Os aspectos relacionados com o recrutamento da mão-de-obra para os trabalhos são dos que mais ocorrem, como neste caso, nas fontes concernentes à rede viária. Como é evidente, a construção de estradas era, e é, um trabalho pesado e por vezes violento, pelo que o recurso a militares, prisioneiros e turmas obrigadas às corveias, determinadas legalmente, era habitual e deixou forte presença nas fontes escritas.

A reserva que é necessário ter quando se trata, como na definição dos tipos de caminhos na *Lei das Doze Tábuas*, de fontes particularmente antigas deve alargar-se à terminologia que ocorre na documentação, pois também ela evoluiu e não é apenas o significado inicial do termo *Pontifex* que continua a suscitar dúvidas e as consequentes interpretações divergentes²³. Assim, na *Lei das Doze Tábuas*, uma *via* é um caminho que permite o cruzamento de dois carros, com uma largura média de 8 pés (cerca de 2,40 metros), acabando por designar de forma geral ruas e estradas, independentemente

²¹ Chevallier 1972: 9-10.

²² Sobre a *Via Domitia*: Moreno Gallo 2006: 27-31.

²³ Heurgon 1950-1951: 145-154; Van Haepren 2002: 11-42.

da sua categoria. Pelo contrário, *iter*, que inicialmente aludia a um direito de passagem ganha novos significados, como via, vereda ou caminho percorrido ou a percorrer, como no *Itinerário de Antonino*. Quanto a *actus*, que como vimos também ocorre na *Lei das Doze Tábuas*, tinha inicialmente um sentido muito mais especializado, pois antes de referir um caminho modesto e de circulação limitada designava um direito de passagem ou de condução de gado. Resulta, portanto, necessário ter em atenção a cronologia e o contexto do documento que se utiliza, sobretudo quando se trata de fontes pertencentes aos primeiros séculos de Roma, quando as influências etruscas no que se relaciona a estradas foram, para além de todas as dúvidas que possam existir, relevantes.

Um aspecto que de alguma forma se relaciona com a terminologia das vias é o do nome oficial que se atribuiu às estradas principais. Não existia nenhuma lei que regulasse a atribuição dos nomes às vias, assim como também não eram, como uma má interpretação da ordem pela qual os grandes itinerários são referidos no *Itinerário de Antonino* pode sugerir, designadas por um numeral²⁴. Normalmente recebiam, na época republicana, o nome do magistrado que as mandava construir, passando depois a receber o nome do imperador: *Via Appia*, *Via Flaminia*, *Via Domitia* ou *Via Augusta*, *Via Traiana*, *Strata Diocletiana*. Na maior parte dos casos, todavia, na época imperial as vias não receberam nomes honoríficos, ainda que algumas contassem com denominações distintivas, como a *Via Nova* entre Braga e Astorga.

Bastante mais precisa era a classificação das estradas de acordo com a sua condição jurídica. Os textos de Sículo Flaco²⁵, um *gromaticus* que viveu na segunda metade do século I, e de Ulpiano, famoso jurista do século III, revelam-se particularmente importantes neste aspecto da condição das vias, semelhante ao enorme esforço de sistematização efectuado para estabelecer a condição jurídica das terras públicas e privadas. Não será descabido recordar neste momento a diferença que existe entre as fontes técnicas, praticamente desconhecidas, e a precisão dos textos jurídicos que definem a qualidade e o estatuto das vias de comunicação terrestres (Fig.6), reflexo indiscutível de uma mentalidade legalista e pragmática.

²⁴ Esta prática, muito divulgada em Espanha e em Portugal, foi introduzida nos estudos viários peninsulares pelo investigador espanhol Eduardo Saavedra, em 1862, a partir da ordem presente na edição Wesseling do *Itinerário de Antonino* (1735). A chamada Via XVI, de *Olisipo a Bracara*, por exemplo, é um itinerário constituído pelo menos por três estradas diferentes.

²⁵ Clavel-Lévêque 1993: ix-xi.

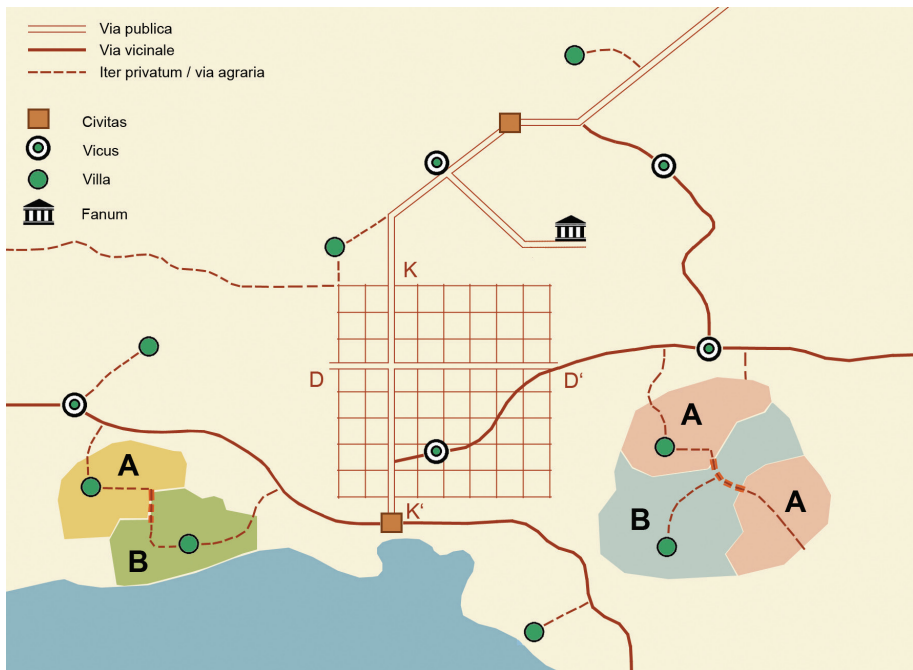


Fig.6 - Exemplo de estradas romanas de acordo com o seu estatuto jurídico.

Vejamos o texto de Sículo Flaco: *Há as vias públicas construídas à custa do Estado e que ostentam os nomes daqueles que as traçaram. Estas estradas estão sob a vigilância dos curadores que as fazem construir por empreiteiros. Para algumas delas exige-se também, periodicamente, uma soma fixa aos proprietários da região. Além disso há as vias vicinais que, entroncando na estrada principal, conduzem através dos campos e por vezes atingem elas próprias outras vias públicas. São construídas e mantidas por pagi, quer dizer, pelos magistrados dos pagi que, normalmente, exigem dos proprietários as corveias necessárias ou de preferência atribuem a cada proprietário o cuidado de conservar a porção da via que atravessa o seu domínio. Nos limites destes percursos vêem-se mesmo inscrições indicando qual é o território, qual é o proprietário e qual é o percurso que ele deve conservar. O acesso de todos estes caminhos é livre.*

Há enfim caminhos atravessando os domínios privados que não devem dar passagem a toda a gente mas apenas àqueles que têm necessidade disso para atingir os seus campos. Estes caminhos partem das vias vicinais. Também por vezes entroncam em vias pertencendo em comum a dois proprietários que se entenderam para os fazerem seguir pela extremidade dos seus domínios e para os conservarem em comum.

Em conclusão, as vias públicas ou caminhos vicinais e entre os caminhos privados aqueles que pertencem em comum a dois proprietários, coincidem com limites. Estes caminhos, todavia, não foram traçados para servir de limites mas para abrir

comunicações (Sículo Flaco, *De Conditionibus Agrorum*: Thulin, 110-111).

Este longo excerto, bom exemplo da literatura gromática e da preocupação romana com a definição de situações sancionadas pela lei e pela prática, característica de uma mundividência condicionada pelos valores da ordem e do interesse público, refere não só a classificação dos caminhos quanto ao seu estatuto público ou privado, como alude a diversos aspectos do maior interesse, como o direito de passagem, as serventias, o financiamento da construção e manutenção das estradas e os seus procedimentos, o recurso a corveias e a existência de informação escrita, parecida com a que consta na epígrafe de Santiago da Guarda (Ansião), onde se estipula que os *vicani* devem pagar os impostos no município vizinho²⁶. Resumindo o que Sículo Flaco escreveu podemos dividir os caminhos em vias públicas, vias vicinais e vias privadas. Há ainda que ter em conta o caso especial das centuriações em que os *decumani* e os *kardines* podem ter características de vias públicas ou privadas, conforme esses caminhos, ditos *iter populo debetur* ou *non debetur*, eram de serventia pública ou privada²⁷.

A lição de Ulpiano corrobora a classificação de Sículo Flaco. O jurista distingue *viae publicae*, *viae vicinales* e *viae privatae*. As *viae publicae*, estabelecidas em terreno pertencente ao domínio público do Estado ou das *civitates*, originariamente ou por expropriação, estavam abertas a todos os que as quisessem utilizar. As *viae vicinales*, cuja denominação deriva de *vicus*, com o sentido de povoação rural, aldeia, constituíam a parte mais numerosa da rede viária. Na prática, *viae publicae* e *viae vicinales* confundem-se enquanto caminhos de circulação livre. Ulpiano considera, todavia, a possibilidade das *viae vicinales* serem incluídas entre as *viae privatae* quando construídas e não apenas conservadas pelos particulares proprietários do solo, aproximando-se assim do estatuto dos caminhos privativos dos domínios particulares rurais, as *viae agrariae* (*Digesta*, 43, 8, 2, 21-24). Conservaram-se algumas epígrafes testemunhando a existência de *viae privatae*²⁸, de que damos dois exemplos, uma placa dos arredores de Córdova e uma inscrição rupestre de Belley, França: *Viator. Viam / publicam dex/tra pete* (*AE*, 1969-70, 254); *Iter via privlat/a* (*CIL* II 2527).

Uma categoria especial das *viae publicae*, causadora de muitas discussões entre especialistas, era a das *viae militares*, largamente referidas nas fontes antigas. As opiniões em causa tanto as consideram simples estradões, abertos por razões puramente militares, como antigas estradas estratégicas que passaram à categoria das *viae publicae*. Sucede, porém, que Suetónio afirma claramente que Augusto organizou o *cursus publicus*, o serviço oficial de correios da administração imperial²⁹, *per militares vias* (Suetónio, *Aug.*, 49), relação que foi há alguns anos

²⁶ Monteiro, Encarnação: 1993-199: 303-311.

²⁷ Saumagne 1928: 320-353.

²⁸ Beltrán, Arasa 1979-1980: 7-29.

²⁹ Chevallier 1972: 207-211; Kolb 2001: 95-105.

reforçada pelo achado de um miliário de Domiciano perto de Córdoba (Fig.7), miliário cujas linhas finais da inscrição parecem sugerir para as *viae militares* fins essencialmente administrativos, como suportes do exercício do *Imperium*, funções de que eram excluídas a maioria das *viae publicae*, como Camile Jullian suspeitou há muitos anos³⁰. Eis as linhas que nos interessam: *Ab. arcu. unde. / incipit Baetica / Viam. Augustam. / militarem. vetus[t]ate. / corruptam restituit. LXVIII*. Cuidadosamente construídas, de forma a garantir durante todo o ano o trânsito aos veículos do *cursus publicus*, é sobre estas estradas que se concentram alguns dos mais significativos vestígios arqueológicos viários existentes, entre os quais as pontes que as serviam. No início da Idade Média ainda se relacionava o *cursus publicus* com as calçadas de cuidada construção, identificadas como *viae militares* por Isidoro de Sevilha: *Agger est media stratae eminentia coggeratis lapidibus strata, ab aggere, id est coacervatione dicta; quam historici viam militarem dicunt* (Isidoro, *Orig.*, 15, 16, 7). Os miliários também se concentram de forma muito significativa no traçado destas estradas, como se verifica facilmente na Via de la Plata, com um total de 189 miliários ou na *Via Augusta*, que possui mais de metade dos 106 miliários recolhidos por Pierre Sillières para toda a Espanha meridional³¹.

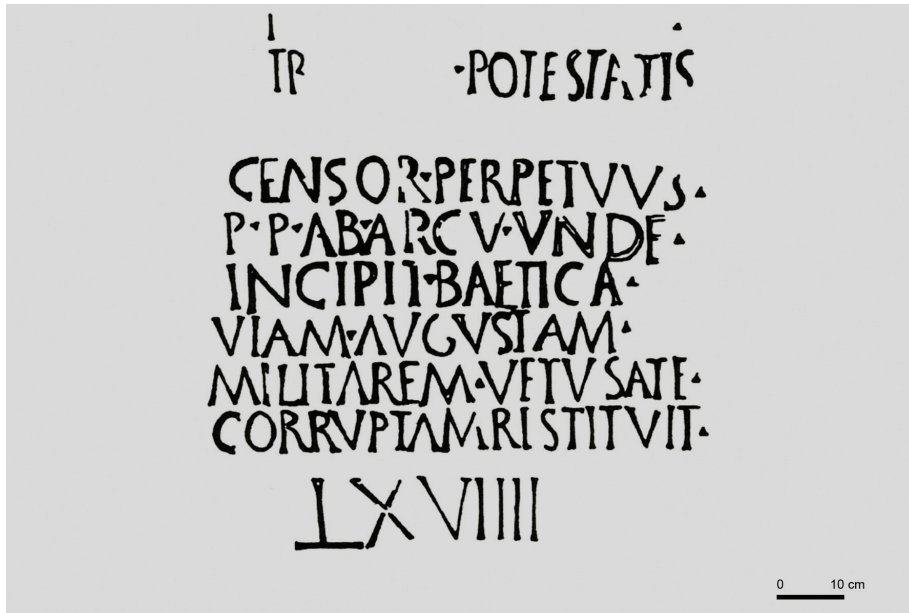


Fig.7 - Inscrição de um miliário de Córdoba referindo a *Via Augusta* como via militar (segundo Pierre Sillières).

³⁰ Sillières 1990 783-790; Jullian 1926: 147.

³¹ Puerta Torres 1995: II, 281-519; Sillières 1990: 68-115.

Embora sem desenvolver pormenores técnicos construtivos, as fontes de tipo jurídico, *senso lato*, também classificam as vias segundo a tipologia. Assim Tito Lívio, referindo os censores em funções em 170 a.C., divide as vias, segundo o tipo de revestimento em dois grupos, vias lajeadas, em Roma, e vias simplesmente revestidas de gravilha ou saibro no exterior da cidade: *Censores vias sternendas silice in urbe, glaream extra urbem substruendas marginandosque primi omnium locaverunt pontesque multis locis faciendos* (Lívio, 41, 32). Como bom jurista, Ulpiano é muito mais preciso quando classifica as vias, e agora não apenas em relação a Roma e à Itália, mas de forma generalizada, referindo-se, evidentemente, às características da superfície de rolamento: *Propter quod neque latiore neque longiore neque altiore neque humiliore viam sub nomine refectionis is qui interdicit potest facere, vel in viam terrenam glaream inficere aut sternere viam lapide quae terrena si vel contra lapide stratum terrenam facere* (Digesta, 43, 11). Temos assim vias de terra, vias pavimentadas com gravilha e pequenas pedras e vias empedradas ou lajeadas (Fig.8). O termo *strata* (revestida), embora já utilizado nos finais da República apenas volta a surgir de forma regular nos miliários do século III, vulgarizando-se no século IV. Permaneceu na maioria das línguas românicas (*estrada*; *strada*; *stradă*), na língua germânica (*straße*) e também no árabe (*al-shirat*).



Fig.8 - Troço lajeado da *Via Appia* nos arredores de Roma.

A classificação de Ulpiano aplica-se à totalidade das estradas romanas, das quais a maior parte pertencia ao primeiro e ao segundo tipo, sendo pouco vulgares as estradas cujo traçado correspondia totalmente à categoria das *viae silice stratae*, sobretudo nas províncias. As *viae terrenae* eram as mais numerosas, embora apresentassem incómodos problemas, sobretudo de pó ou lama, consoante a época do ano, mas também tinham algumas vantagens, desde que não se utilizassem veículos de rodas. Plínio-o-Moço refere-se a uma estrada deste tipo, neste caso um *iter privatum* arenoso que ligava a sua *villa* à *Via Laurentina* ou à *Via Ostiensis*, escrevendo: *As atrelagens avançam nela com alguma dificuldade e lentidão, mas o caminho é curto e bom para um cavaleiro* (Plínio-o-Moço, *Epist.*, 2, 17). Outra figura literária de nomeada, o bordelês Ausónio, referiu-se, no século IV, às vias revestidas com gravilha e cascalho existentes na Aquitânia: *Aut iteratum qua glareae trita viarum / Fert militarem ad Blaviam* (Ausónio, *Epist.*, 10, 12).

Os textos que aqui incluímos mostram que existia uma preocupação com a classificação técnica das vias, confirmando a uniformidade da sua construção em cada uma das categorias consideradas, ainda que a dependência da administração local, nomeadamente das *civitates*, tenha ocasionado uma série de diferenças construtivas que os arqueólogos identificam sem dificuldade desde que não se deixem distrair pela famigerada teoria das quatro camadas difundida por Nicolas Bergier³². É exactamente este factor, da maior importância para o estudo da rede viária, que se destaca no trecho de uma carta do imperador Juliano, contrastando a má construção das estradas na região de *Chalcis* com outras utilizando a mesma técnica: *Fui até Litarba (este povoado pertence a Chalcis) e encontrei uma estrada que tinha no seu traçado as ruínas de um campo de inverno antioquiano. Deste caminho uma parte era pântano, outra parte montanha, se me é permitida a expressão; mas todo ele era rude e as pedras jaziam no pântano com ar de terem sido lançadas intencionalmente, mas reunidas sem arte alguma e contrariamente ao uso das outras cidades, onde, para as calçadas da mesma forma que para as alvenarias, sobre um leito de terra aglomerada a modo de argamasa se apertam as pedras umas contra as outras, como num muro* (Juliano, *Epist.*, 98).

No período republicano conhecem-se algumas leis viárias, embora de forma bastante vaga, como a *Lex Sempronia Viaria*, de Gaio Graco e uma lei agrária do ano 111 a.C., onde se refere pela primeira vez que os cidadãos estabelecidos em terras do *agger publicus* junto às vias (*viasii vicani*) devem proceder à sua conservação³³; no ano da derrota de Espártaco, em 71 a.C., estava em funções um *Curator viarum e lege Visellia* (CIL I 593). Alguns anos depois, uma das cartas de Cícero alude a uma proposta de Escribónio Cúrio,

³² Chevallier 1972: 93-95.

³³ Lintott 1992: 179-180.

não aprovada, segundo a qual este ficaria encarregado durante cinco anos de construir estradas com o produto de uma taxa sobre carros (Cícero, *Ad Att.*, 6, 1, 22). De uma maneira geral as vias competiam, como já vimos, aos magistrados principais, podendo o Senado delegar em edis ou questores a gestão dos assuntos viários. Ocasionalmente surgem referências a *curatores* (Fig.9), a mais antiga das quais remonta a 92 a.C.: *Curator viis sternundis* (CIL I², p.200, XXXIII); as fontes epigráficas referem outros no mesmo século (CIL I 593; CIL VI 1283, 1299, 3824, 31590, 31603).

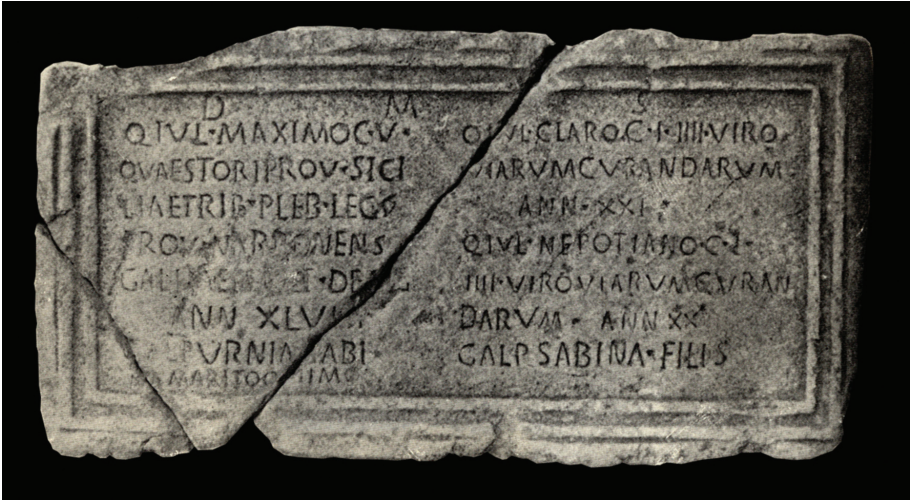


Fig.9 - Inscrição da *villa* de Nossa Senhora da Tourega (CIL II 112), referindo dois irmãos *curatores viarum* (foto Delfim Ferreira).

Com o advento do Principado o Senado encarregou Augusto, em 20 a.C., da manutenção das grandes vias itálicas, substituindo os censores, abolidos. O imperador delegou essas funções em *curatores viarum*, inicialmente responsáveis pela totalidade das vias mas que a partir de Cláudio ou Nero passaram a responder apenas por vias específicas³⁴, auxiliados por *subcuratores* e por *tabularii*. Adjudicavam os trabalhos aos arrendatários dos mesmos (*mancipēs*) e vigiavam para que a sua execução decorresse de acordo com o estabelecido, assim como autorizavam novos trabalhos e ordenavam, quando necessário, a demolição dos não permitidos (Fig.10). No século II passaram a controlar os magistrados municipais responsáveis pelos *alimenta* e pelas estradas (CIL XIV 2345). O cargo de *curator viarum*, que existia ainda na época de Constantino (CIL X 3732), já não ocorre na *Notitia Dignitatum*.

³⁴ Besnier 1913: 787-790; Pekary 1968: 7-10.



Fig.10 - Inscrição da Ponte Fabrícia (62 a. C.), em Roma, nomeando o curador *L. Fabricius* e os autores de uma reparação no ano 21 a.C. (foto Vasco Mantas).

Nas províncias os grandes trabalhos viários dependiam do governador, ainda que o seu financiamento incluisse diversas possibilidades, como aliás também sucedia na Itália. A construção e manutenção das vias secundárias competia aos magistrados das cidades (*CIL V 3341; CIL IX 2345*), podendo os decuriões nomear curadores para se ocuparem das estradas. A epigrafia, mais uma vez, dá-nos notícia de magistrados directamente empenhados em trabalhos viários (*CIL X 372; EE II 20*). As verbas necessárias provinham, como já vimos, das contribuições impostas (*vectigalia*), da munificência de algum patrono ou notável local, da colaboração entre a *ordo* e os *possessores* (*CIL XI 6658*) e das portagens (*CIL XI 5694*), bastante vulgares mas que normalmente isentavam os chamados *instrumenta itineris*, animais e carros.

Nalguns casos especiais, devido ao interesse evidente dos trabalhos e ao seu elevado custo, a intervenção estatal, técnica e administrativa, parece evidente. Assim sucedeu seguramente com a construção da Ponte de Alcântara (*CIL II 760*), subsidiada por onze *municipia* lusitanos, e com a Ponte de Chaves (*Aquae Flaviae*), edificada com o contributo de dez *civitates* e na qual a intervenção estatal se encontra identificada de forma muito clara³⁵. Parece evidente, em

³⁵ García Iglésias 1976: 263-276; Tranoy 1981: 60-61, 164.

qualquer dos casos, a insuficiente capacidade das cidades para empreenderem, isoladamente, obras desta envergadura, de significativa importância para a boa administração provincial. Como as estradas eram muito caras, as cidades foram chamadas a participar em primeiro lugar na construção e manutenção de vias de especial interesse administrativo e económico, pelo que o mesmo itinerário acusa com frequência, como no caso da via *Ebora-Pax Iulia*, diferenças marcadas consoante o território atravessado pela via pertence a uma ou outra cidade.

Ainda assim, pelo menos durante o Alto Império, o imperador procurou não sobrecarregar as cidades com taxas excessivas, tentando limitar despesas desnecessárias, como se depreende do texto da célebre tábua achada em *Sabora* (CIL II 1423) ou do teor de algumas das epístolas trocadas entre Trajano e Plínio-o-Moço, enquanto este era governador da Bitínia, visando contenção nos gastos públicos. O facto da construção de estradas competir em parte às cidades conduziu a grande variedade, o mesmo acontecendo também em épocas bastante recentes, como se verifica, por exemplo, através do que se pode ler num opúsculo alemão dedicado ao programa de auto-estradas iniciado em 1933: *Centenas de repartições diferentes nos diversos estados e províncias disputavam sobre a sua competência na construção de estradas e na sua conservação. E tais circunstâncias motivaram, antes de tudo, o estado variado das estradas de rodagem. Aqui, rodava-se sobre asfalto, ali, sob pedregulho, acolá, estavam os caminhos sem conserto, e noutros lugares, enfim, a estrada consistia apenas num caminho de areia*³⁶. Este trecho evoca, sem dificuldade, as queixas do imperador Juliano e a de muitos outros viajantes ao longo dos séculos.

Por vezes o imperador procurava motivar as cidades para aplicarem determinados legados testamentários em obras viárias, quando atribuídos a outros fins menos úteis, ou assim considerados. Uma referência de Suetónio mostra claramente que assim era: *Outra vez (Tibério) pediu que os habitantes de Trébia fossem autorizados a consagrar à abertura de uma estrada a importância que lhe tinham legado para construir um novo teatro, mas não o conseguiu e a vontade do testador foi ratificada* (Suetónio, *Tib.*, 31). É claro que neste momento estamos ainda muito longe do totalitarismo do Baixo-Império, quando o Estado põe de lado o princípio da cooperação para fazer incidir impiedosamente sobre as cidades e sobre os particulares, sem distinção, os custos, sempre renovados, da manutenção da rede viária, como os éditos e constituições do *Código de Teodósio* ilustram dramaticamente.

No território português a maior parte dos muitos miliários que se conservaram reflectem a iniciativa das cidades na construção da rede viária, em especial no território outrora pertencente à Lusitânia. Uma interessante inscrição rupestre em Numão testemunha a construção de uma estrada (Fig.11), provavelmente

³⁶ Pflug 1941: 15.

uma *via terrena*, por iniciativa de uma comunidade local, estrada destinada a ligar o *vicus* a uma via principal, constituindo um excelente exemplo deste tipo de trabalhos ao nível das *viae vicinales*, absolutamente de acordo com o que nos diz Sículo Flaco e também Ulpiano quando explica a origem destes caminhos e remete a responsabilidade sobre eles para os magistrados dos *vici* (*Digesta*, 43, 7, 3): *As(s)aniant(enses). Via(m) / Fecerunt*³⁷. Este tipo de fontes ajuda a compreender a dificuldade em identificar no terreno caminhos que tiveram na maior parte dos casos construção muito ligeira ao mesmo tempo que comprovam o alheamento do Estado em relação à maior parte da rede viária secundária ou de características locais, limitando-se a estabelecer as regras a que deveria obedecer a sua construção e manutenção.



Fig.11 - Inscrição rupestre de Numão, informando da construção de uma estrada vicinal (foto Patrício Curado).

Este aspecto é particularmente importante e vamos encontrá-lo sistematicamente presente nas leis coloniais e municipais, de que existem diversos testemunhos na Hispânia. Limitar-nos-emos a invocar a *Lex Colonia Genitivae Iuliae*, ou *Lex Ursonensis* (*CIL* II 5439), da cidade de *Urso* (Osuna) na Bética³⁸. O artigo LXXVIII determina que os caminhos públicos existentes à data da fundação da colónia, em 44 a.C., mantenham a mesma condição, reproduzindo uma regra constantemente recordada na legislação e pelos *gromatici*. O artigo XCVIII estipula que a contribuição pessoal, directa ou através de escravos ou de animais, para obras públicas, nomeadamente construção e reparação de estradas deve ser

³⁷ Curado 1985: n°48.

³⁸ Ors 1953: 167-280; Manuel Abascal / Espinosa 1989: 91-110.

determinada em reunião dos decuriões, por maioria. Ficavam isentos apenas os jovens de menos de catorze anos e os homens com mais de sessenta anos, cabendo cinco dias de trabalho anual aos restantes, mesmo que não residissem na colônia.

Por nos parecer particularmente importante transcrevemos este artigo na íntegra: *Quamcumque munitionem decuriones huiusce coloniae decreverint, si maior pars decurionum atfuerit, cum ea res consuletur, eam munitionem fieri liceto, dum ne amplius in annos singulos in que homines singulos puberes operas quinas et in iumenta plaustraria iuga singula operas ternas decernant. Eique munitioni aediles qui tum, erunt ex decurionum decreto praesunto. Uti decuriones censuerint, ita muniendum curanto, dum ne invito eius opera exigatur, qui minor annorum XIII aut maior annorum LX natus erit. Qui in ea colonia intrave eius coloniae fines domicilium praediumve habebit neque eius coloniae colonus erit, is eidem munitioni uti colonus parento.*

O artigo CIV determina que se respeitem os novos caminhos abertos na área da colônia, assim como as *fossae limitales*, proibindo que se obstrua a passagem, se construa neles ou se intercepte a livre circulação, assim como se tapem ou obstruam as *fossae*. Este artigo, nitidamente inspirado pelo capítulo LIIII da *Lex Roscia Peducaea Alliena Fabia*³⁹, não permite dúvidas quanto à existência de uma centuriação no território ursonense, ainda visível nas fotografias aéreas do século passado (USAF 1956 19096-19097, 19104-19106): *Qui limites decumanique intra fines coloniae Genitivae deducti facti que erunt, quaecumque fossae limitales in eo agro erunt.* Ao longo de todo este articulado prevalece o cuidado em respeitar e fazer respeitar o princípio de livre circulação definido como *iter populo debetur* (Higino Gromático: Thulin 134-135; Higino: Thulin 91, 97). Determinações semelhantes ocorrem noutros textos do mesmo tipo encontrados na Península Ibérica, ligeiramente posteriores.

A liberdade de circulação tinha, todavia, algumas limitações, naturalmente estabelecidas de forma regulamentada e totalmente alheia às arbitrarias e extremas medidas contra o seu exercício normal de que se queixa Apuleio: *Os cultivadores de um domínio rural junto do qual passámos, vendo-nos tão numerosos tomaram-nos por bandoleiros [...]. Eles açularam contra nós enormes cães* (Apuleio, *Met.*, 8, 17). As restrições levantadas à utilização das *viae publicae* e de outros caminhos não privados, independentemente da existência de portagens, que não consistem numa prática restritiva do uso da estrada, resultam apenas de determinadas condições que obrigam ou aconselham um melhor controlo da circulação. Delas nos ficaram também diversos testemunhos. Um dos mais interessantes registou-se no regulamento da grande mina de *Vipasca* (Aljustrel), documento datado do século II, onde no artigo nono se proibia o transporte de minério entre o ocaso e o amanhecer, naturalmente com o intuito de evitar fraudes: *No respeitante ao minério que estiver amontoado junto dos poços, os respectivos proprietários deverão transportá-lo para os fornos desde o nascer ao pôr-do-sol. Aquele*

³⁹ Hardy 1925: 185-191.

que depois de pôr-do-sol ou de noite retirar minério de junto dos poços, deverá, depois de provado o crime, pagar ao fisco mil sestércios⁴⁰.

Outras determinações tinham características mais gerais, como o édito de Cláudio que limitava a circulação de carros nas cidades italianas, alargando uma anterior determinação de Júlio César relativa a Roma, como informa Suetónio: *Por édito expresso recomendou aos viajantes que não atravessassem as cidades de Itália senão a pé, de cadeirinha ou de liteira* (Suetónio, *Claud.*, 25). Esta proibição será alargada a todas as cidades do Império por Marco Aurélio. Note-se que o direito de usar uma liteira como meio de transporte estava longe de ser comum, estando vedado a largas franjas da sociedade romana. Quanto aos carros transportando os imprescindíveis abastecimentos e materiais necessários à Urbe, só podiam circular de noite, com excepção daqueles ao serviço de empreiteiros, com os inevitáveis inconvenientes daí resultantes, bem evidenciados nas sátiras de Marcial e de Juvenal. Escreveu o segundo: *Em que apartamento alugado é possível o sono? A passagem dos carros nas esquinas das ruelas, as pragas dos arrieiros que não avançam, tirá-lo-iam ao próprio imperador Cláudio e às suas focas* (Juvenal, *Sat.*, 3, 245). Com efeito, abastecer, com os meios técnicos da época, uma cidade com cerca de um milhão de habitantes representou um enorme, permanente e barulhento desafio⁴¹.

Em determinadas estradas com funções mais vincadamente militares, de forma a condicionar a circulação não necessária ou considerada dispensável era normal a introdução de tarifas de utilização, que não podem considerar-se como simples portagens, pois a importância cobrada dependia de factores circunstanciais. Assim aconteceu no Egipto na grande estrada militar através do deserto unindo o Mar Vermelho a Coptos, no Nilo. Reproduzimos a tarifa aí em vigor no ano 90, que deve ser considerada como taxa mista entre a portagem e os direitos alfandegários aplicada numa área de circulação restrita directamente relacionada com os importantes portos de *Berenike* e *Myos Hormos*, centros do comércio marítimo com a Arábia e o Índico. O documento (Fig.12), gravado em língua grega numa estela por ordem do prefeito de Monte Berenice, Lúcio Antístio Asiático, cumprindo uma determinação do prefeito do Egipto, estipula os valores a pagar, muito distintos entre si⁴², que se indicam seguidamente:

Por um capitão de navio do Mar Vermelho	8 dracmas
Por um piloto	10 dracmas
Por um guarda	10 dracmas
Por um marinheiro	5 dracmas
Por um carpinteiro naval	5 dracmas

⁴⁰ Encarnação 1984: 212-214; Magueijo 1970: 125-163.

⁴¹ Carcopino s/d: 23-35; Homo 1972: 93-126, 205-217.

⁴² Charles-Picard, Rougé 1969: 224-1227; Burkhalter-Arce 2002: 199-233.

Por um artesão	8 dracmas
Pelas mulheres fazendo ofício de cortesãs	108 dracmas
Pelas mulheres dos que chegam por mar	20 dracmas
Pelas mulheres dos soldados	20 dracmas
Por uma autorização para camelos	1 óbolo
Pelo carimbo num passaporte	2 óbolos
Pelo visto para um homem regressado de uma viagem longa	1 dracma
Por todas as mulheres no regresso	4 dracmas
Por um burro	2 óbolos
Por um carro pequeno com toldo	4 dracmas
Por um mastro	20 dracmas
Por uma verga	4 dracmas
Por um funeral, ida e volta	1 dracma e 4 óbolos

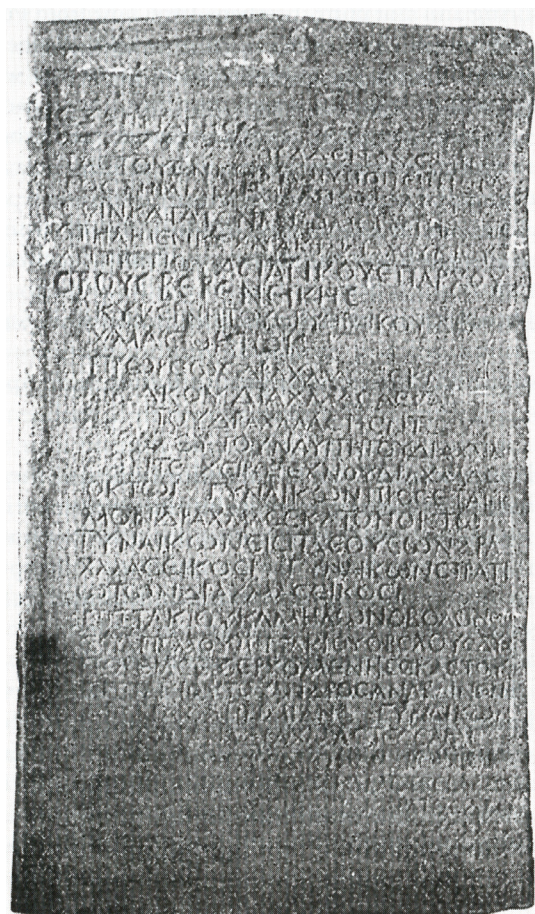


Fig.12 - Inscrição de Coptos com as tarifas devidas pela utilização da estrada para o Mar Vermelho (foto J. G. Milne).

Recordamos que a área atravessada pela estrada era relativamente perigosa, o que justificava o controlo militar, tanto mais que se tratava de uma via por onde entravam no Império artigos de elevado preço ou materiais muito procurados, como a madeira de construção naval, inclusive teca indiana. O Egipto, graças às condições naturais muito favoráveis facultou numerosa documentação em papiro relacionada com o funcionamento e a contabilidade das *mansiones*, extremamente rara noutras regiões do Império⁴³. Situação relativamente semelhante parece ter sucedido no Norte de África, onde as fortificações associadas ao *Limes* correspondentes a diversas *clausurae* teriam como função controlar o fluxo do comércio saariano e o acesso dos nómadas, através das vias militares da região, às áreas que constituíam uma zona tampão, militarizada, entre o deserto e os territórios cultivados e urbanizados do litoral (Fig.13). cremos que o complexo de *clausurae* servia, para além das funções fiscais que alguns investigadores lhe atribuem, como regulador dos movimentos de populações nómadas, nomeadamente o acesso a áreas de pastagem, como sistema de vigilância de zonas tradicionalmente inseguras⁴⁴

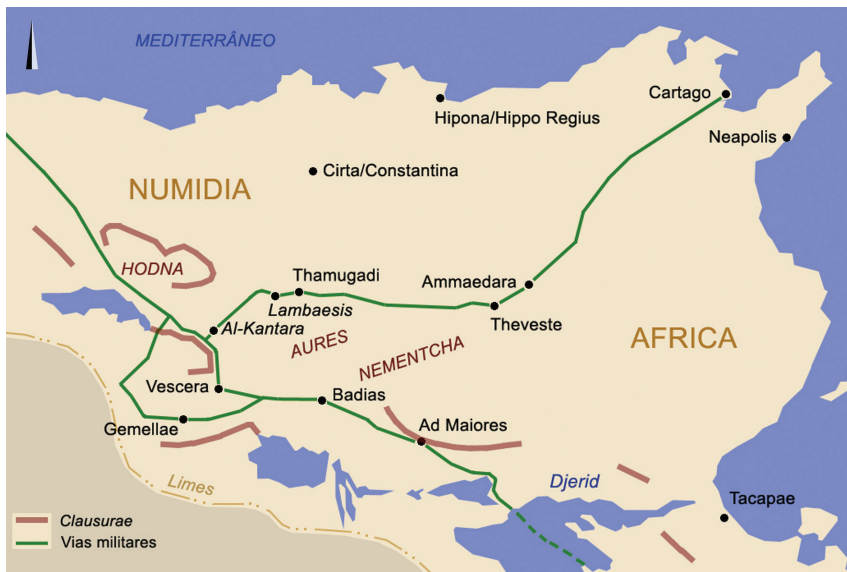


Fig.13 - Localização das principais *clausurae* norte-africanas.

Uma das fontes mais interessantes para conhecimento da legislação relacionada com as estradas e a sua utilização é, como referimos, o *Código de*

⁴³ Adams 2001: 142-144.

⁴⁴ Cherry 1998: 74-94; Mantas 2011: 31-33.

Teodósio, elaborado entre 429 e 439 por iniciativa de Teodósio II, e aplicado no Ocidente e no Oriente. A legislação recolhida no *Código* permite abordar muitos aspectos da actividade viária do Baixo-Império, verificando-se que parte das determinações reproduz os grandes princípios do direito romano anterior que especificamente lhe interessava. Porém, no conjunto dos documentos que nos foram transmitidos sobressai uma nota dissonante, premonitória, reflectindo as dificuldades crescentes sentidas pelo Estado para fazer respeitar a lei, a penúria financeira, a ascensão do poder eclesiástico e o desinteresse geral pela manutenção das vias num mundo em que se desenvolvem os particularismos e a anarquia, depois do rigorismo estabelecido pela Tetrarquia, preludiando a Idade Média.

São particularmente importantes os capítulos VIII (*De Cursus Publico, Angaris et Parangaris*) e XV (*De Itinere Muniendo*). No primeiro caso, além de uma série de determinações relacionadas com o funcionamento do *cursus publicus* e do equipamento das *mansiones* e *mutationes* ao serviço do mesmo, encontramos normas referentes à capacidade de carga de carros e animais, como nesta constituição de Constâncio II datada de 357: *O mesmo Augusto e Juliano César a Tauro, prefeito do pretório. Ordenamos que apenas 1000 libras de peso possam ser carregadas numa carroça (rheda), 200 libras num veículo de duas rodas (birota) e 30 libras num ginete, pois parece não poderem suportar cargas maiores. A uma carroça devem ser atreladas oito mulas, no Verão, naturalmente, mas dez no Inverno. Julgamos que três mulas são suficientes para uma viatura de duas rodas (Cod. Theod., 8, 5, 8).*

Vejamos agora um rescrito de Honório e Teodósio II, datado de 423, relacionado com a construção e manutenção das estradas: *Os mesmos Augustos a Asclepiódotos, prefeito do pretório. Está longe de nós considerarmos a construção de vias públicas e de pontes e o trabalho nas calçadas consagradas pelos títulos de grandes imperadores como serviços públicos compulsivos de natureza servil. Por isso, nenhuma classe de homens, por mérito de qualquer elevada dignidade ou veneração, deve ser isenta da construção e reparação de estradas e pontes. Também nós alegremente aplicamos os haveres da divina casa imperial e as veneráveis igrejas a um tão louvável fim. Os juizes de todas as províncias devem ser notificados desta lei de forma a saberem que o que a antiguidade decretou dever ser consignado às vias públicas tem que ser cumprido sem exceptuar ninguém por razões de reverência ou elevada dignidade (Cod. Theod., 15, 3, 1).*

Este tipo de documentos ajuda a compreender as dificuldades reais sentidas pelo Império, em fase de desagregação no Ocidente, assim como a anterior proliferação de miliários honoríficos como reflexo de obras impostas. A referência no *Código de Teodósio* ao pessoal e equipamento das estações viárias permite também ter uma ideia da dimensão destes estabelecimentos, mal conhecidos através da arqueologia, muitos dos quais deram origem a pequenos povoados, particularmente em zonas de fraca urbanização. As *mansiones* contavam com

ferreiros, carpinteiros, palafreiros, veterinário (*mulomedicus*) e outro pessoal, dirigido pelo *manceps* ou *stationarius*. A partir da informação do *Código de Teodósio* quanto ao número de cavalos e mulas atribuídos a cada vicário em viagem, o qual podia requisitar um máximo de 10 cavalos e 30 mulas, correspondendo um palafreiro (*mulio*) a cada três animais, teremos uma ideia aproximada destes aglomerados.

Mantendo a proporção indicada e tendo em conta a informação de Procópio acerca do número mínimo de 40 cavalos por cada estação, teremos 120 mulas, 40 cavalos e pelo menos meia centena de *muliones*, normalmente de condição servil (*Cod. Theod.*, 8, 5, 38; Procópio, *Hist.*, 30, 4). Acrescentando a este grupo outros trabalhadores ocupados na cozinha, no balneário, na recolha de lenha e de forragens e noutros trabalhos, atingiremos um agrupamento muito significativo para a época, constituindo uma comunidade permanente cujo poder de atracção não pode ter deixado de influenciar a população circundante. Cremos que assim sucedeu na Lusitânia com o estabelecimento romano de Centum Celas (Belmonte), no grande itinerário entre *Emerita* e *Bracara*⁴⁵, onde a *mansio* parece ter dado origem a um *vicus* (Fig.14), aliás atestado epigraficamente⁴⁶. Sem descurar



Fig.14 - Ruínas da estação romana de Centum Celas, perto de Belmonte (foto Vasco Mantas).

⁴⁵ Mantas 2008-2009: 254-255.

⁴⁶ Ferraz 2002: 467-469.

a possibilidade de Centum Celas, cujo nome antigo se ignora, ter conhecido funções administrativas, confirmadas noutras situações semelhantes⁴⁷, não cremos que a recente proposta interpretando as ruínas como forum seja sustentável⁴⁸. A estrada exerceu, mais uma vez, a sua especial capacidade para influenciar o povoamento e, conseqüentemente, para difundir novos hábitos e alargar horizontes, sob todos os aspectos, como reconheceu sem hesitações Plínio-o-Antigo: *O poder de Roma conferiu unidade ao mundo. Todos devem reconhecer os serviços que ela prestou aos homens, facilitando as suas relações e permitindo-lhes fruir em comum os benefícios da paz* (Plínio, *N.H.* 14. 2).

Elemento fundamental da romanização, que podemos interpretar como o *determinado e ordeiro modo de vida* referido por Élio Aristides, a rede viária e a vida da estrada não podiam ficar à margem da mentalidade legalista que caracterizou a cultura romana. A estrada não se limitou a quebrar isolamentos regionais, contribuindo para a unificação do Império ao colocar em contacto tradição e inovação, através de uma dinâmica apoiada no exercício da autoridade. Não há império sem comunicações, como os Romanos e outros depois deles muito bem compreenderam, assim como não há estrada sem lei. O que Roma realizou neste aspecto bastaria para a colocar entre as grandes civilizações, mau grado as críticas de moda. Terminaremos com a apreciação realista que, na época de Augusto, Dionísio de Halicarnasso exprimiu e que, dois mil anos depois e apesar do ocaso da cultura clássica, não escapou aos Monty Python: *A extraordinária grandeza do Império Romano manifesta-se, acima de tudo, em três coisas: os aquedutos, as estradas pavimentadas e a construção de canalizações* (Dionísio, *Ant. Rom.* 3. 67. 5).

⁴⁷ Hanley 2000: 36-39.

⁴⁸ Guerra, Schatner 2010: 333-342.

BIBLIOGRAFIA FINAL

- AA.VV. (1990), *Archéologie de la vigne et du vin. Actes du colloque 28-29 mai 1988*, Paris.
- AA.VV. (1992), *Archeologia del paesaggio. IV Ciclo di lezioni sulla ricerca applicata in archeologia, Certosa di Pontignano (Siena) 14 - 26 gennaio 1991*, Firenze.
- AA.VV. (1997), *Uomo, acqua e paesaggio. Atti dell'incontro di studio sul tema irregimentazione delle acque e trasformazione del paesaggio antico*, S. Maria Capua Vetere 22 - 23 novembre 1996, Roma.
- AA.VV. (1998), *El vi a l'antiguitat. Economia, producció i comerç al Mediterrani occidental. II Colloqui internacional d'arqueologia romana. Actes. Badalona, 6 - 9 de maig de 1998*, Badalona.
- AA.VV. (1999), *El vino en la antigüedad romana. Simposio arqueología del vino, Jérez 2, 3 y 4 de octubre 1996*, Madrid.
- AA.VV. (1999b), *Environmental reconstruction in Mediterranean landscape archaeology*, Oxford.
- AA.VV. (2001), *La cerveza en la antigüedad*, Sevilla.
- AA.VV. (2004), *Le vin. Nectar des dieux, génie des hommes*, Gollion.
- Abascal, J. Manuel, Espinosa, Urbano (1989), *La ciudad hispano-romana. Privilegio y poder*, Logronho.
- Abásolo, J. A., Mayer, M. (1997), "Inscripciones latinas", in S. Corchón (coord.), *La Cueva de la Griega de Pedraza (Segovia)*, Zamora, 183-259.
- Abbondanza, L. (ed.) (2008), *Filostrato Maggiore*, Milano.
- Acosta-Hughes, B. (2002), *Polyeideia. The Iambi of Callimachus and the Archaic Iambic Tradition*, Berkeley and Los Angeles.
- Adams, C. (2001), "There and back again. Getting around in Roman Egypt", in Adams, C. and R. Laurence (eds.), *Travel and Geography in the Roman Empire*, Londres and Nova Iorque, 138-166.
- Adams, J. N. (2003), *Bilingualism and the Latin language*, Cambridge.
- Adams, J. N. (2003a), "Romanitas and the Latin language", *CQ* 53: 184-205.
- Affatato, R. (2010), "Nueva York: recepción del mito de la ciudad en Federico García Lorca e Italo Calvino", in J. M. Losada Goya (ed.), *Mito y mundo contemporáneo. La recepción de los mitos antiguos, medievales y modernos en la literatura contemporánea*, Bari, 627-640.
- Albuquerque, M. de (1968), *O poder político no Renascimento português*, Lisboa.
- Albuquerque, M. de (1981), "Bártolo e bartolismo na história do direito português", *Boletim do Ministério da Justiça* 304: 41-61.
- Albuquerque, M. de (1983), *Estudos de cultura portuguesa*, I, Lisboa.

- Alexandrescu-Vianu, M. (1988), "O nouă posibilă genealogie a familiei lui Hippolochos, fiul lui Theodotod, de la Histria", *SCIVA* 39.3: 275-280.
- Alexandrescu-Vianu, M. (1989), "Apollon Ietros. Ein verschollener Gott Ioniens?", *IstMitt* 39: 115-122.
- Alexandrescu-Vianu, M. (1990), "Die Steinskulptur von Histria", in P. Alexandrescu, W. Schuller (eds.) *Histria. Eine Griechenstadt an der rumänischen Schwarzmeerküste*, Xenia. Konstanzer Althistorische Vorträge und Forschungen 25, Konstanz, 179-232.
- Alexandrescu-Vianu, M. (2000), "Une alternative d'identification de la statue colossale d'Istros", in A. Avram, M. Babeş (eds.) *Civilisation grecque et cultures antiques périphériques. Hommages à P. Alexandrescu à son 70^e anniversaire*, Bucarest, 274-281.
- Alexandridis, A. (2004), *Die Frauen des römischen Kaiserhauses. Eine Untersuchung ihrer bildlichen Darstellung von Livia bis Iulia Domna*, Mainz.
- Alfayé, S., Marco, F. (2008), "Religion, language and identity in Hispania: Celtiberian and Lusitanian rock inscriptions", in R. Häußler (ed.), *Romanisation et épigraphie. Etudes interdisciplinaires sur l'acculturation et l'identité dans l'Empire romain*, Montagne.
- Alföldi, A. (1948), *The conversion of Constantine and Pagan Rome*, Oxford.
- Alföldy, G. (1969), *Fasti Hispanienses*, Wiesbaden.
- Alföldy, G. (1973), *Flamines provinciae Hispaniae citerioris*, Madrid.
- Alföldy, G. (1991), "Augustus und die Inschriften: Tradition und Innovation. Die Geburt der imperialen Epigraphik", *Gymnasium* 98: 289-324.
- Allen, A. (1951), *History of political thought in the sixteenth century*. London
- Altaner, B., Stuiber, A. (2^a ed. 1972), *Patrologia*, São Paulo.
- Amouretti, M.C., Brun J.-P. (eds.) (1993), *La production du vin et de l'huile en Méditerranée. Actes du symposium international organisé par le Centre Camille Jullian et le Centre archéologique du Var, Aix-en-Provence et Toulon 20-22 novembre 1991* (BCH suppl. 26), Athènes.
- Ando, C. (2003), "A Religion for the Empire", in A. J. Boyle, W. J. Dominik (eds.), *Flavian Rome. Culture, Image, Text*, Leiden, Boston 323-344.
- Ando, C. (2006), "Interpretatio Romana", in L. de Blois, P. Funke, J. Hahn, (eds.), *The Impact of Imperial Rome on Religions, Ritual and Religious Life in the Roman Empire, Proceedings of the Fifth Workshop of the International Network Impact of Empire (Roman Empire 200 B.C. - A.D. 476.)*, Leiden, Boston 51-65.
- Andrade, A. A. (1959), *S. Tomás de Aquino no período áureo da filosofia portuguesa*, Lisboa.
- Andrade, A. A. de (1965), *Antologia do pensamento político português (séc. XVI)*, vol. I. Lisboa.

- Andrade, M. (1974), “Lira Paulistana”, in *Poesias completas*, São Paulo.
- Andreu, J. (2004), *Edictum, Municipium y Lex: Hispania en época flavia (69-96 d. C.)*, BAR Int. Ser. 1293, Oxford.
- Antonietti, C. (1999), “Megara e le sue colonie: unità storico-culturale?”, in C. Antonetti, P. Lévêque (eds.) *Il dinamismo della colonizzazione greca, Atti della tavola rotonda “Espansione e colonizzazione greca di età arcaica: metodologie e problemi a confronto”, Venezia, 10-11/11*, Besançon-Paris, 17-24.
- Aquino, T. de (1946), *Des lois de Saint Thomas d'Aquin*. Texte traduit et présenté par J. de la Croix Kaelin O. P., Paris.
- Arnaldi, A. (2010), “Osservazioni sul flaminato dei *Divi* nelle provincie africane”, in M. Milanese, P. Ruggeri, C. Vismara, (eds.), *L'Africa romana. Luoghi e le forme dei mestieri e della produzione nelle provincie africane. Atti del XVIII convegno di studio. Olbia 11-14 dicembre 2008*, vol. III, Roma, 1645-1665.
- Arruda, A. M. (2005), “O 1º milénio a.n.e. no Centro e no Sul de Portugal: leituras possíveis no início de um novo século”, *O Arqueólogo Português Série IV*: 23: 59-74.
- Arzone, A. (2011), “Alcune considerazioni sulle immagini di pietre miliari e sui riferimenti alle strade nel documento monetale”, in *I miliari lungo le strade dell'Impero*. Caselle di Somma campagna Verona, 77-92.
- Asensi, R. M., Musso, O. (1990), “Un documento etrusco di Tarragona”, *Quaderni della sezione di Studi Storici Alberto Boscolo* 1: 5-11.
- Aston, M. (1997), *Interpreting the landscape. Landscape archaeology and local history*, London.
- ATL = B.D. Meritt, WadeGery, H.T., McGregor, M.F., *The Athenian Tribute Lists*, 4 vs, Princeton.
- Aubert, J.-M. (1955), *Le droit romain dans l'oeuvre de Saint Thomas*, Paris.
- Avery, H. C. (1971), “Euripides' *Heraclidae*”, *AJPh* 92: 539-565.
- Avram, A., Lefèvre, F. (1995), “Les cultes de Callatis et l'oracle de Delphes”, *REG* 108: 7-23.
- Bacchielli, L. (1986), “Monumenti funerari a forma di *cupula*: origine e diffusione in Italia meridionale”, in A. Mastino (ed.), *L' Africa Romana: atti del 3. convegno di studio Sassari 13-15 dicembre 1985*, Sassari, 303-319.
- Bailly, A. (1963), *Dictionnaire grec-français*, Paris.
- Balass, G. (s.d.), “The Female Breast as a Source of Charity: Artistic Depictions of *Caritas Romana*”, www.Academia.edu/4006836.
- Baldassarre, I. (1979), “Zetema (Ζήτημα)” (a. 1973), *Enciclopedia dell'Arte Antica*, Suppl. 1979: 944-945.
- Baldassarre, I., Bragantini, I., Morselli, C. and Taglietti, F. (1996), *Necropoli di Porto. Isola Sacra*, Roma.

- Balil, A. (1984-88), "Las *cupae* de *Barcino*. Contribución al estudio de un tipo de monumento funerario romano", *Arqueologia e Historia*: 111-115.
- Baratta, G. (1993), "Una divinità gallo-romana. *Sucellus*. Un'ipotesi interpretativa", *ArchCl* 45: 233-247.
- Baratta, G. (1994), "*Circa Alpes ligneis vasis condunt circulisque cingunt*", *ArchClass* 46: 232-260.
- Baratta, G. (1997), "Le botti: dati e questioni", in *Techniques et économie antique et médiévale. Le temps de l'innovation. Colloque international, Aix-en-Provence 21-23 Mai 1997*, Paris, 109-112.
- Baratta, G. (1997), "*Sucellus*", in *Enciclopedia dell'Arte Antica classica e orientale*, Supplemento 1991-1994, V, Roma, 482.
- Baratta, G. (2005a), "La *cupa* nell'ambito femminile: dalla *caupona* al *loculus*?", in F. Cenerini, A. Buonopane (eds.), *Donna e vita cittadina nella documentazione epigrafica*, 95-108.
- Baratta, G. (2005b), *Römische Kelteranlagen auf der italienischen Halbinsel. Ein Überblick über die schriftlichen, bildlichen und archäologischen Quellen (200 v.Chr. - 400. n.Chr.)* (Cornucopia, 11), Murcia.
- Baratta, G. (2005c), "Appunti sulle variabili e costanti dell'*interpretatio* religiosa nell'occidente romano, in F. de Oliveira, (ed.), *Génesis e consolidação da Ideia de Europa*, vol.III, *O Mundo Romano*, Coimbra, 123-134
- Baratta, G. (2006a), "Alcune osservazioni sulla genesi e la diffusione delle *cupae*", in *Atti del XVI Convegno internazionale de L'Africa Romana* (Rabat, 15-19 dicembre 2004), Roma, 355-368.
- Baratta, G. (2006b), "Nuovi dati sull'iconografia delle mandorle nei sarcofagi strigilati. Un primo approccio ad un corpus", *Annali della Facoltà di Lettere e Filosofia dell'Università di Macerata* 26: 65-120.
- Baratta, G. (2007), "La mandorla centrale dei sarcofagi strigilati. Un campo iconografico ed i suoi simboli", in F. Hoelscher, T. Hoelscher (eds.), *Römische Bilderwelten. Von der Wirklichkeit zum Bild und zurück. Kolloquium der Gerda Henkel Stiftung am Deutschen Archäologischen Institut Rom*, Heidelberg, 191-215.
- Baron, H. (1938), "Cicero and the Roman civic spirit in the Middle Ages and the Early Renaissance", *Bulletin of the John Rylands Library* 22: 84-89.
- Baron, H. (1970), *La crisi del primo Rinascimento italiano*, Firenze.
- Barresi, P. (2007), "Il sofista Flavio Damiano di Efeso e la costruzione di termeginnasi nell'Asia Minore romana di età imperiale", in O. D. Cordovana, M. Galli, (eds.), *Arte e memoria culturale nell'età della Seconda Sofistica*, Catania, 137-151.
- Barros, J. de (1919), *Geografia d'Entre Douro e Minho e Trás-os-Montes*, Porto.

- Barros, J. de (1937), *Panegíricos – Panegírico de D. João III e da Infanta D. Maria*, Texto restituído, prefácio e notas por M. Rodrigues Lapa, Lisboa.
- Bassignano, M.S. (1974), *I flaminato nelle provincie romane dell’Africa*, Roma.
- Bastos, E. (1991), *Entre o escândalo e o sucesso. A semana de 22 e o Armory show*, Campinas.
- Battaglia, M. (2003), “Il Vulcano dei Germani in Giulio Cesare (B.G. VI, 21, 1). Un caso di *interpretatio*?” *Athenaeum* 91: 373-401.
- Beagon, M. (2005), *The Elder Pliny on the Human Animal: Natural History Book 7*, Oxford.
- Beard, M., North, J., Price, S. (1998), *Religions of Rome*, vol. I, *A History*, Cambridge.
- Behr, C.A. (ed.) (1973), *Aristides*, vol. I, *Panathenaic Oration in Defence of Oratory*, London.
- Behrends, M. et alii (eds.) (2000), *Hygin. L’oeuvre gromatique*, Luxemburg.
- Bejarano Osorio, A. M. (1996), “Sepulturas de incineración en la necrópolis oriental de Mérida: las variantes de *cupae* monolíticas”, *Anas* 9: 37-58.
- Belmonte, J. A. (2010), “Documentación fenicio-púnica en la Península Ibérica: estado de la cuestión”, in G. Carrasco y J. C. Oliva (eds.), *El Mediterráneo antiguo: lenguas y escrituras*, Cuenca, 159-220.
- Beltrán, F. ed. (1995), *Roma y el nacimiento de la cultura epigráfica en occidente*, Zaragoza.
- Beltrán, F. (2000), “La vida en la frontera”, in F. Beltrán, M. Martín-Bueno y F. Pina, *Roma en la Cuenca Media del Ebro. La romanización en Aragón*, Zaragoza.
- Beltrán, F. (2002), “Identidad cívica y adhesión al príncipe en las emisiones municipales hispanas”, in F. Marco, F. Pina y J. Remesal (eds.), *Religión y propaganda política en el mundo romano*, Barcelona, 159-187.
- Beltrán, F. (2004), “El latín en la Hispania romana: una perspectiva histórica”, in R. Cano (ed.), *Historia de la lengua española*, Barcelona, 83-106.
- Beltrán, F. (2004a), “*Nos Celtis genitos et ex Hiberis*. Apuntes sobre las identidades colectivas en Celtiberia”, in G. Cruz Andreotti y B. Mora Serrano (eds.), *Identidades étnicas – Identidades políticas en el mundo prerromano hispano*, *Kronion* 1, Málaga, 87-145.
- Beltrán, F. (2004b), “De nuevo sobre la tésera Froehner”, *Palaeohispanica* 4: 45-65.
- Beltrán, F. (2004c), “Imagen y escritura en la moneda hispánica”, in F. Chaves y F. J. García (eds.), *Moneta qua scripta. La moneda como soporte de la escritura. Actas del III Encuentro Peninsular de Numismática Antigua*, Anejos de *AEspA* 33: 125-139.

- Beltrán, F. (2004d), “Libertos y cultura epigráfica en la Hispania republicana”, in F. Marco, F. Pina y J. Remesal (eds.), *Vivir en tierra extraña: emigración e integración cultural en el mundo antiguo*, Barcelona, 151-175.
- Beltrán, F. (2005), “Cultura escrita, epigrafía y ciudad en el ámbito paleohispánico”, *Palaeohispanica* 5: 21-56.
- Beltrán, F. (2006), “Hispania y el Mediterráneo en los siglos II y I a. E.: diversidad cultural y movilidad social”, in F. de Oliveira, P. Thiery, R. Vilaça (eds.), *O mar greco-latino*, Coimbra, 223-240.
- Beltrán, F. (2009), “Vltra eos palos. Una nueva lectura de la línea 7 de la *Tabula Contrebiensis*”, in *Espacios, usos y formas de la epigrafía hispana en épocas antigua y tardoantigua. Homenaje al Dr. Armin U. Stylow*, Anejos de *AEspA* 48: 33-42.
- Beltrán, F. (2011), “Lengua e identidad en la Hispania romana”, *Palaeohispanica* 11:19-59.
- Beltrán, F. (2011a), “¿Firmas de artesano o sedes de asociaciones comerciales? A propósito de los epígrafes musivos de Caminreal (E.7.1), Andelo (K.28.1) y El Burgo de Ebro (*HEp* 11, 2001, 621 = *AE* 2001, 1237)”, in E. Luján y J. M. García Alonso (eds.), *A Greek man in the Iberian street. Papers in Linguistics and Epigraphy in honour of Javier de Hoz*. *Innsbrucker Beiträge zur Sprachwissenschaft* 140, Innsbruck, 139-147.
- Beltrán, F. (2011b), “Les colonies latines d’Hispanie (IIe siècle av. E.): émigration italique et intégration politique”, in N. Barrandon y F. Kirbihler (eds.), *Les gouverneurs et les provinciaux sous la République romaine*, Rennes, 131-144.
- Beltrán, F. (2012), “Roma y la epigrafía ibérica sobre piedra del nordeste peninsular”, *Palaeohispanica* 12: 9-30.
- Beltrán, F. (inédito), “Diversidad cultural y epigrafía: el ejemplo de Hispania”, *XII Congressus Internationalis epigraphiae Graecae et Latinae*, Barcelona septiembre de 2002.
- Beltrán, F., Estarán, M. J. (2011), “Comunicación epigráfica e inscripciones bilingües en la Península Ibérica”, in C. Ruiz Darasse y E. Luján (eds.), *Contacts linguistiques dans l’Occident méditerranéen antique. Collection de la Casa de Velázquez* (126), Madrid, 9-25.
- Beltrán, F., Velaza, J. (2009), “De etnias y monedas: las “cecas vasconas”, una revisión crítica”, in J. Andreu (ed.), *Los vascones de las fuentes antiguas: en torno a una etnia de la antigüedad peninsular*, Barcelona, 99-126.
- Beltrán, F., Arasa, F. (1979-1980), “Los itineraria privata en la epigrafía latina”, *Historia Antiqua*, 9-10: 7-29.
- Beltrán, F., Jordán, C., Marco, F. (2005), “Novedades epigráficas en Peñalba de Villastar (Teruel)”, *Palaeohispanica* 5: 911-956.
- Bentley, J. H. (1978), *Politics and culture in Renaissance Naples*, Princeton.

- Berciu, I., Wolski, W. (1970), "Un nouveau type de tombe mise au jour à *Apulum* et le problème des sarcophages à voûte de l'Empire romain", *Latomus* 29: 919-965.
- Bergmann, M. (1998), *Die Strahlen der Herrscher. Theomorphes und politische Symbolik im Hellenismus und in der römischen Kaiserzeit*, Mainz.
- Berruti, V., Magistà, A. (eds.) (2009), *L'automobile. Marche e modelli dalle origini a oggi*, vol. 6, *Lancia*, Roma.
- Besnier M., Chapot, V. (1913), "Via", *Dictionnaire des Antiquités Grecques et Romaines*, 5, Paris, 777-817.
- Bettini, C. (2008), "Tre Valascos nell'Italia del quattrocento: Meser Valasco di Vespasiano da Bisticci, Petrus Vallascis di Cataldo Siculo e Vasco Fernandes de Lucena", *Humanitas* 60: 205-226.
- Bettini, M., Boldrini, M., Calabrese, O., Piccinni, G. (eds.) (2010), *Miti di città*, Siena.
- Binsfeld, W. (1979), "Zu treverischen Kultdenkmälern", in *Festschrift 100 Jahre Rheinisches Landesmuseum Trier. Beiträge zur Archäologie und Kunst des Trierer Landes*, Mainz, 263-269.
- Blackman, D. (1969), "The Athenian Navy and Allied Naval Contributions in the Pentecontaetia", *GRBS* 10: 179-216.
- Blanco Freijeiro, A. (1977), *El puente de Alcántara en su contexto histórico*, Madrid.
- Boardman, J. (1986), *I Greci sui Mari. Traffici e Colonie*, Trad. ital., Firenze, Giunti.
- Boffo, L. (1975), "Cimone e gli alleatidi Atene", *RIL* 109: 442-50.
- Bol, R. (1984). *Das Statuenprogramm des Herodes-Atticus-Nymphäums*, Berlin.
- Bona, G. (ed.) (1988), *Pindaro. I peani*, Cuneo.
- Bonfante, G., Bonfante, L. (2002), *The Etruscan language. An introduction. Revised edition*, Manchester and New York.
- Bonneville, J.-N. (1981), "Les *cupae* de Barcelone: les origines du type monumental", *MCV* 17: 5-38.
- Bontems, C. (1965), *Le prince dans la France des XVIe e XVIIe siècles*, Paris.
- Bordenache, G. (1960), "Antichità greche e romane nel nuovo Museo di Mangalia", *Dacia* N. S. 4: 489-509.
- Bordenache, G. (1961), "Histria alla luce del suo materiale scultoreo", *Dacia* N. S., 185-211.fig. 16.
- Bordenache, G. (1969), *Sculture greche e romane del Museo Nazionale di Antichità di Bucarest I. Statue e rilievi di culto, elementi architettonici e decorativi*, Bukarest.
- Boschung, D. (1993a), *Die Bildnisse des Augustus*, Berlin.

- Boschung, D. (1993b), "Die Bildungstypen der julisch-claudischen Kaiserfamilie: ein kritischer Forschungsbericht", *JRA* 6: 39-79
- Boschung, D. (2002), *Gens Augusta. Untersuchungen zu Aufstellung, Wirkung und Bedeutung der Statuengruppen des julisch-claudischen Kaiserhauses*, Mainz.
- Boucher, S. (1987), "L'image et les fonctions du dieu *Sucellus*", *Caesarodunum* 23: 77-85.
- Boulanger, A. (1923), *Aelius Aristide et la sophistique dans la province d'Asie au II^e siècle de notre ère*, Paris.
- Bowersock, G.W. (1969), *Greek Sophists in the Roman Empire*, Oxford.
- Braancamp Freire A. (ed.) (1916), *Notícias da Vida de André de Resende pelo Beneficiado Francisco Leitão Ferreira*, Lisboa.
- Bracco, V. (1985), "Il tabellarius di Polla", *Epigraphica* 47: 93-97.
- Brandão, M. (1937), *Documentos de D. João III*, I, Coimbra.
- Brandt, H. (1998), *Geschichte der römischer Kaiserzeit. Von Diokletian und Konstantin bis zum Ende der konstantinische Dynastie (264-363)*, Berlin.
- Briant, P. (2002), *From Cyrus to Alexander. A History of the Persian Empire*, Winona Lake.
- Brown, B.R. (1957), *Ptolemaic Paintings and Mosaics and the Alexandrian style*, Cambridge.
- Brown, T. S. (1946), "Euhemerus and the Historians", *HTbR* 39: 259-274.
- Brun, J.-P. (1986), *L'oléiculture antique en Provence. Les huiliers du département du Var* (RANArb suppl. 15), Paris.
- Brun, J.-P. (2003), *Le vin et l'huile dans la Méditerranée antique. Viticulture, oléiculture et procédés de transformation*, Paris.
- Brun, J.-P. (2004), *Archéologie du vin et de l'huile dans l'empire romain*, Paris.
- Brun, J.-P. (2005), *Archéologie du vin et d'huile en Gaule romaine*, Paris.
- Bruneau, P. (1985), "Deliaca. Iconographie. L'image de Delos personifiée e pyxides de Spina", *BCH* 109: 551-556.
- Búa, C. (1997), "Dialectos indoeuropeos na franxa occidental hispânica", in G. Pereira (ed.), *Galicia fai dous mil anos. O feito diferencial galego, volumen I. Historia*, Santiago de Compostela, 51-99.
- Buck, R. J. (1979), *A History of Boeotia*, Edmonton.
- Bulloch, A. W (1985), *Callimachus. The Fifth Hymn*, Cambridge.
- Bulloch, A. W (2010), "Hymns and Encomia", in J. J. Clauss and M. Cuypers (eds.), *A Companion to Hellenistic Literature*, Malden/Oxford, 166-180.
- Burazacchini, G. (ed.) (2005), *Troia tra realtà e legenda*, Parma.
- Burckhardt J. (1949), *The Age of Constantine the Great*, Berkeley.

- Burke, P. (1987 3^a ed.), *The Italian Renaissance culture and society in Italy*, Cambridge.
- Burkert, W. (1991), *Mito e Mitologia*, Ed. 70, Lisboa.
- Burkhalter-Arce, F. (2002), “Le tarif de Coptos”. La douane de Coptos, les fermiers de l’apostolion et le préfet du desert de Bérénice”, *Topoi* Supp. 3: 199-233.
- Burnett, A. P. (2005), *Pindar’s Songs for Young Athletes of Aigina*, Oxford.
- Bury, J. B., Cook, S. A., Adcock, F. E. (eds.), *The Cambridge Ancient History*, Vol. 4, Cambridge.
- Butcher, K. (2003), *Roman Syria and the Near East*, London.
- Buxton, R. (ed.) (1999), *From Myth to Reason? Studies in the Development of Greek Thought*, Oxford.
- Caccamo Caltabiano, M. (2003), “Messana/Tyche sulle monete della città dello stretto”, in *Archeologia del Mediterraneo. Studi in onore di Ernesto De Miro*, Roma, 139-149.
- Cadotte, A. (2007), *La romanisation des dieux. L’interpretatio romana en Afrique du Nord sous le Haut-Empire* (Religions in the Graeco-Roman world 158), Leiden.
- Caiado, H. (1745), *Eclogae et Sylvae et Epigrammata*, in Pe. A. dos Reis, *Corpus illustrium poetarum Lusitanorum, qui latine scripserunt*, Lisboa.
- Cairns, D. L. (2010), *Bacchylides: five epinician odes (3, 5, 9, 11, 13)*, Cambridge.
- Camia, F. (2011), *Theoi sebastoi. Il culto degli imperatori romani in Grecia (provincia Achaia) nel secondo secolo D.C.*, Athina.
- Caldera de Castro, M. D. P. (1978), “Una sepultura de cupa hallada en Mérida. (Consideraciones acerca de estos monumentos funerarios)”, *Habis* 9: 455-463.
- Calderón Dorda, E., De Lazzer, A., Pellizer, E., (eds.) (2003), *Corpus Plutarchi Moraliū*, Naples.
- Calvino, I. (1996), “Diario americano, 1959-1966”, in *Eremita a Parigi. Pagine autobiografiche*, Milano, 20-124.
- Calvino, I. (1996a), *Città invisibili*, Milano.
- Camargos, M. (2001), *Villa Kyrial: crônica da Belle Époque paulistana*, São Paulo.
- Cameron A. (1993), *The later Roman empire: AD 284–430*, Cambridge.
- Cantemir, D. (2006), *The Salvation of the Wise Man and the Ruin of the Sinful World [...]*, ed., trans., notes, indices Ioana Feodorov, Editura Academiei, Bucuresti.
- Cantemirius, D. (1973), *Descriptio antiqui et hodierni status Moldaviae/ Dimitrie Cantemir, Descrierea Moldovei*, trans. Gh. Gutu, introd. Maria Holban, hist. com. N. Stoicescu, cartographical study Vintilă Mihailescu, index Ioana Constantinescu, note D. M. Pippidi, Bucuresti.

- Cantemirius, D. (2006), *Descriptio antiqui et hodierni status Moldaviae/ Dimitrie Cantemir, Principele Moldovei, Descrierea stării de odinioară și de astăzi a Moldovei*, ed., trans. Dan Slusanschi, Bucuresti.
- Cantineau, J. (1935), *Grammaire du palmyrénien épigraphique*, Le Caire.
- Carcopino, J.(s/d), *A vida quotidiana em Roma no apogeu do Império* (trad A. J. Saraiva), Lisboa.
- Cardim Ribeiro, J. (2002), “Soli Aeterno Lunae. O santuário”, *Religiões da Lusitânia. Loquuntur Saxa*, Lisboa, 235-239.
- Cardim Ribeiro, J. (2005), “O *deus sanctus Endovellicus* durante a romanidade. Uma interpretatio local de Faunus-Silvanus?”, *Palaehispanica* 5: 721-766.
- Carlier p. (1990), *Démosthène*, Paris.
- Carneiro, A., d’Encarnação, J., de Oliveira, J., Teixeira, Cl. (2008), “Uma inscrição votiva em língua lusitana”, *Palaeohispanica* 8: 167-178.
- Caro, A. (2009), “Una fase decisiva en la evolución de la publicidad: la transición del producto a la marca”, *Pensar la publicidad*, III, 2: 109-114.
- Caro, A. (2010), *Comprender la publicidad*, Barcelona.
- Cartledge, P. (2009), *Ancient Greek Political Thought in Practice*, Cambridge.
- Carvalho, J. de (1947-1948), *Estudos sobre a cultura portuguesa do século XVI*, 2 vols. Coimbra.
- Carvalho, J. de (1949), *Estudos sobre a cultura portuguesa do século XV*, Coimbra.
- Cascudo, L. C. (1974), *Prelúdio e fuga do real*, Natal.
- Cascudo, L. C. (1983), *Civilização e Cultura, pesquisas e notas de etnografia geral*, Belo Horizonte.
- Cascudo, L. C. (1983, 2ª ed.), *Anúbis e outros ensaios. Mitologia e folclore*, Rio de Janeiro, Natal.
- Cascudo, L. C. (1987), *História dos nossos gestos*, Belo Horizonte, São Paulo.
- Cascudo, L.C. (1966), “História de um livro perdido”, *Arquivos do Instituto de Antropologia “Câmara Cascudo”* 2.1-2: 5-19.
- Castelli, E. (1951) (ed.), *Umanesimo e Scienza politica. Atti del congresso Internazionale di Studi Umanistici, Roma-Firenze, 1949*, Milano.
- Castillo, C. (1998), “Los *flamines* provinciales de la Bética”, *REA* 100: 437-460
- Cawkwell, G. (2005), *The Greek Wars. The Failure of Persia*, Oxford.
- Cesarano, M. (2015), In honorem domus divinae. *Introduzione allo studio dei cicli statuari giulio-claudii a Roma e in Occidente*, Roma.
- Clauss, M. (1979), *Kaiser und Gott: Herrscherkult im römischen Reich*, Berlin.
- Chamie, M. (2009), *Paulicéia dilacerada*, Ribeirão Preto.
- Chanotis, A. (2009), “The Dynamics of Rituals in the Roman Empire”, in O.

- Hekster, S. Schmidt-Hofner, Chr. Witschel (eds.), *Ritual Dynamics and Religious Change in the Roman Empire. Proceedings of the Eight Workshop of International Network Impact of Empire*, Leiden, Boston, 3-29
- Charles-Picard, G., Rougé, J. (1969), *Textes et documents relatifs à la vie économique et sociale dans l'Empire romain*, Paris.
- Chassaing, M. (1961), "Les barillets frontiniens", *RAE* 12: 7-33, 89-106.
- Chelotti, M. (2003), *Regio II, Apulia et Calabria, Venusia* (Supplementa Italica 20), Roma.
- Cherry, D. (1998), *Frontier and Society in Roman North Africa*, Oxford.
- Chevallier, R. (1972), *Les voies romaines*, Paris.
- Chevallier, R. (1988), *Voyages et déplacements dans l'Empire romain*, Paris.
- Chiarelli, G. (1932), "Il 'De regno' di Francesco Patrizi", *Rivista internazionale di filosofia del diritto*, Anno XII. (Nov-Dec.): 716-738.
- Cistercienses (Os). Documentos primitivos. Texto latino e tradução brasileira.* (1997) Introdução e bibliografia Irmão François de Place, Tradução de Irineu Guimarães, Musa, S. Paulo; Lúmen Christi, Rio de Janeiro 1997.
- Clauss, J., Cuypers, M. (eds.) (2010), *A Companion to Hellenistic Literature*, Chichester, West Sussex.
- Clavel-Lévêque, M. et alii (eds.) (1993), *Siculus Flaccus. Les conditions des terres*, Nápoles.
- Clavel-Lévêque, M. et alii (eds.) (1996), *Hygin l'arpenteur. L' établissement des limites*, Nápoles.
- Clayton, P.A. (1989), *Le sette Meraviglie del mondo*, Torino. (*The Seven Wonders of the Ancient World*, London, 1988).
- Cogitore, I. (1996), "Séries de dédicaces italiennes à la dynastie julio-claudienne", *MEFRA* 104 : 817-870.
- Colasso, F. (1951), "Umanesimo giuridico", in E. Castelli (ed.), *Umanesimo e Scienza politica (Atti dei Congresso Internazionale di Studi Umanistici, Roma-Firenze, 1949)*, Milano, 57-58.
- Colecchia, A., Bertolani, G. B., Marcante, A. et alii (2004), *L'Alto Garda occidentale dalla preistoria al postmedioevo. Archeologia, storia del popolamento e trasformazione del paesaggio* (Documenti di archeologia, 36), Mantova.
- Colonna, G. (1980), "Virgilio, Cortona e la leggenda etrusca di Dardano", *Archeologia Classica* 32: 1-15.
- Conger, G. P. (1952), "Did India influence Early Greek Philosophies?", *Philosophy East and West* 2.2: 102-128.
- Conti, S. (1997), "Dinastia giulio-claudia a Roselle: una serie di dediche imperiali in Etruria", *Ann. Fac. Lett. e Filos. Univ. Siena* 18: 101-127.

- Conti, S. (1998), *Rusellae, Suppl. It. n. s. 16*, Roma.
- Cook, J. M. (1971), *Os Gregos na Iónia e no Oriente*, Lisboa.
- Cooley, A. E. (ed.) (2002), *Becoming Roman, Writing Latin? Literacy and Epigraphy in the Roman West*. JRA Suppl. Ser. 48, Portsmouth.
- Cooley, A. E. (2002), “The survival of Oscan in Roman Pompeii”, in E. A. Cooley (ed.), *Becoming Roman, Writing Latin? : Literacy and Epigraphy in the Roman West*, JRA Suppl. Ser. 48: 77-86.
- Cordovana, O. D., Galli, M. (eds.) (2007), *Arte e memoria culturale nell'età della Seconda Sofistica*, Catania.
- Corell, J. (1989), “Notas sobre epigrafía romana del País Valenciano”, *APL* 19: 271-281.
- Costa, A. D. S. (1969), *Estudantes portugueses na reitoria do Colégio de S. Clemente de Bolonha na primeira metade do século XV*, Lisboa.
- Costa, A. D. S. (1990), *Portugueses no Colégio de S. Clemente e Universidade de Bolonha durante o século XV*, vol. I, Bolonia.
- Coulanges, F. de. (1971, 10ª ed.), *A cidade antiga*, Trad. e glossário de Fernando de Aguiar, Livraria Clássica Editora, Lisboa.
- Crawford, M. H., Reynolds, J. M. (1979), “The Aezani copy of the Prices Edict”, *Zeitschrift für Papyrologie und Epigraphik* 34: 163-210.
- Crystal, D. (2000), *Language death*, Cambridge.
- Curado, F. P. (1985), “Inscrição rupestre de Freixo de Numão”, *Ficheiro Epigráfico* 11: nº48.
- David, B., Thomas J. (eds.) (2008), *Handbook of landscape archaeology* (World archaeological congress research handbooks in archaeology, 1), Walnut Creek.
- Davie, J. N. (1982), “Theseus the king in fifth-century Athens”, *G&R* 29.1: 25-34.
- DCPH = M. P. García-Bellido y C. Blázquez (2001), *Diccionario de cecas y pueblos hispánicos*, Madrid.
- De Bernardo Stempel, P. (2008), “More names, fewer deities. Complex theonymic formulas and the three types of interpretation”, in *Divindades indígenas em análise. Divinités pré-romaines. Bilan et perspectives d'une recherche. Actas do VII workshop FERCAN, Cascais, 25-27.5.2006*, Coimbra, 65-73.
- De Hoz, J. (2001), “La lengua de los íberos y los documentos epigráficos en la comarca de Requena-Utiel”, in A. J. Lorrio (ed.), *Los íberos en la comarca de Requena-Utiel (Valencia)*, Madrid, 49-62.
- De Hoz, J. (2010), *Historia lingüística de la Península Ibérica en la Antigüedad. I. Preliminares y mundo meridional prerromano*, Madrid.

- De Hoz, M. P. (1997), “Epigrafia griega en Hispania”, *Epigraphica* 59: 29-93.
- De Labriolle, P. (1934), *La reaction païenne*, Paris.
- De Martino, D. (2010), “Spot, etica e letteratura”, *La nuova ricerca. Pubblicazione annuale del Dipartimento di Linguistica, Letteratura e Filologia moderna dell'Università degli studi di Bari*, anno XIX. 19, 117-128.
- De Martino, D. (2010^{bis}), “Automobili da mito”, in F. De Martino (ed.), *Antichità & pubblicità*, Bari, 443-522.
- De Martino, D. (2011), *Io sono Giulietta. Letterature & miti nella pubblicità di auto*, Bari.
- De Martino, D. (2012), “Una forma de subversión del mito literario: de la novela a la publicidad”, in J. M. Losada Goya, M. Guirao Ochoa (eds.), *Myth and Subversion in the Contemporary Novel*, Cambridge, 421-436.
- De Martino, D. (2013), *Dante & la pubblicità*, Bari.
- De Martino, F., Vox, O. (1996) (eds.), *Lirica greca*, vol. 3, Bari.
- De Ruyt, Cl. (1983), *Macellum. Marché alimentaire des romains*, Louvain-la-Neuve.
- De Santerre, H. H. (1976), “Athènes, Délos et Delphes d'après une peinture de vase à figure rouges du V siècle avant J.-C.”, *BCH* 100: 291-298.
- De Vos, M., Andreoli, M., Attoui, R. et alii (2007), “Cilicia campestris orientale. L'economia rurale e la trasformazione del paesaggio intorno al Karasis”, in *Geografia e viaggi nell'antichità. Atti del convegno internazionale di studi (Certosa di Pontignano, 9-10 ottobre 2005)*, Siena, 13-39.
- Degl'Innocenti Pierini, R. (2012), “Le città personificate nella Roma repubblicana: fenomenologia di un motivo letterario tra retorica e poesia”, in G. Moretti, A. Bonandini (eds.), *Persona ficta. La personificazione allegorica nella cultura antica, fra letteratura, retorica e iconografia*, Trento, 215-247.
- Desbat, A. (1991), “Un bouchon de bois du Ier s. après J.-C. recueilli dans la Saône à Lyon et la question du tonneau à l'époque romaine”, *Gallia* 48: 319-336.
- Dias, P. B. (2011 2ª ed.), “Notas introdutórias”, in J. G. Freire, *A versão latina por Pascásio de Dume dos Apophthegmata Patrum*, Coimbra, 1-34.
- Dias, P. B. (2012), “Cristianismo e responsabilidade cristã na queda de Roma”, in F. Oliveira et alii (coords.), *A queda de Roma e o alvorecer da Europa*, Coimbra, 43-67.
- Dias P. B. (2013), “O legado de Constantino na identidade da Europa cristã: dois casos de estudo”, in M. C. Pimentel e P. Farmhouse Alberto (orgs.), *Vir bonus peritissimus aequae. Estudos de homenagem a Arnaldo do Espírito Santo*, Lisboa, 455-463

- Díaz, B. (2008), *Epigrafía latina republicana de Hispania*, Barcelona.
- Dittenberger, W., Purgold, K. (1896), *Inscripfen von Olympia*, Berlin.
- Dixon, R. M. W. (1997), *The rise and fall of languages*, Cambridge.
- Domăneanțu, C. (1993), “Un sanctuaire hellénistique du site de Nuntași II (comm. d’Istria, dep. De Constanța)”, *Dacia* 37: 59-78.
- Dörfler, W., Evans, A., Löhr, H. (1998), “Trier, Walramsneustrasse. Untersuchungen zum römerzeitlichen Landschaftswandel im Hunsrück-Eifel-Raum an einem Beispiel aus der Trierer Talweite“, in *Studien zur Archäologie der Kelten, Römer und Germanen in Mittel- und Westeuropa. Alfred Haffner zum 60. Geburtstag gewidmet*, Rahden, 119-152.
- Dubuisson, M. (1981), “Utraque lingua”, *L’Antiquité Classique* 50: 274-286.
- Dubuisson, M. (1982), “Y a-t-il une politique linguistique romaine?”, *Ktéma* 7: 197-210.
- Duchesne, L. (1887), “Le concile d’Elvire et les flamines chrétiens”, *Mélanges Renier*, Paris, 159-174.
- Dunkle, J. R. (1969), “The Aegeus episode and the theme of Euripides’ *Medea*”, *TAPhA* 100: 97-107.
- Durán Fuentes, M. (2005), *La construcción de puentes romanos en Hispania*, Santiago de Compostela.
- Eck, W. (2006), “Herrschaft und Kommunikation in antiken Gesellschaften. Das Beispiel Rom”, in U. Peter, S. J. Seidlmayer (eds.), *Mediengesellschaft Antike? Information und Kommunikation vom Alten Ägypten bis Byzanz*, Berlin, 11-33.
- Eco, U. (2013), *Storia delle terre e dei luoghi leggendari*, Milano.
- Eddy, S.K. (1968), “Four Hundred Sixty Talents Once More”, *CP* 63: 184-95.
- Edmonson, J. (1997), “Two dedications to Divus Augustus and Diva Augusta from Augusta Emerita and the early development of the imperial cult in Lusitania”, *MM* 38: 89-105.
- Edmondson, J. (2002), “Writing latin in the province of Lusitania”, in A. E. Cooley (ed.), *Becoming Roman, Writing Latin? Literary and Epigraphy in the Roman West*, *JRA Suppl. Ser.* 48: 41-60.
- Ehrenberg, V. (1973, 2^a ed.), *From Solon to Sócrates*, Londres.
- Ehrenberg, V. (1976), *L’État grec*, Paris.
- Ehrhardt, N. (1988), *Milet und seine Kolonien. Vergleichende Untersuchung der kultischen und politischen Einrichtungen*, ed. a II-a, Frankfurt, Main-Bern, New York, Paris.
- Elliger, W. (1975), *Die Darstellung der Landschaft in der griechischen Dichtung*, Berlin, New York.

- Elliott, Th. (1990), “The Language of Constantinian Propaganda”, *TAPhA* 120: 349-353.
- Encarnação, J. d' (1984), *Inscrições romanas do Conventus Pacensis*, Coimbra.
- Erasmus, D. (1703), *Opera omnia (in decem tomos distincta)*, Recognovit Joannes Clericus, Leiden.
- Erodoto (1988), *Le Storie. Libro I. La Lidia e la Persia. A cura di David Astheri*, Milano.
- Erskine, A. (ed.) (2003), *A Companion to the Hellenistic World*, Oxford.
- Espérandieu, E. (1907-1981), *Recueil général des bas-reliefs, statues et bustes de la Gaule romaine*, Paris.
- Estarán, M. J. (2012), “Las estampillas ibérico-latinas K.5.4”, *Palaeohispanica* 12: 73-90
- ET = Rix, H. (1991), *Etruskische Texte*, Tübingen.
- Étienne, R. (1958), *Le culte impérial dans la Péninsule ibérique d'Auguste à Diocletien*, Paris.
- Étienne, R. (1973), “Les syncrétismes dans la Péninsule Ibérique à l'époque impériale”, in *Les syncrétismes dans les religions grecque et romaine*, Paris, 153-163.
- Étienne, R., Fabre, G.; Lévêque, P. et M. (1976), *Fouilles de Conimbriga*, vol. II, *Épigraphie et Sculpture*, Paris.
- Étienne, R., Fabre, G., Le Roux, P., Tranoy, A. (1976), “Les dimensions sociales de la romanisation dans la Péninsule Ibérique des origines à la fin de l'Empire”, in D. M. Pippidi (ed.), *Assimilation et résistance à la culture gréco-romaine dans le monde ancien. Travaux du VI^e Congrès International d'Études Classiques*, București, Paris, 95-107.
- Étienne, R., Mayet, F. (2000), *Le vin hispanique*, Paris.
- Evans, J. A. S. (1981), “Notes on the debate of the Persian Grandees in Herodotus 3, 80-82”, *QUCC* 36: 79-84.
- Evers, C. (1994), *Les portraits d'Hadrien. Typologie et ateliers*, Bruxelles.
- Ewald, C., Norena, C. F. (eds.) (2010), *The Emperor and Rome: Space, Representation, Ritual*, Cambridge.
- Fabre, G., Mayer, M., Rodà, I. (1991), *Inscriptions romaines de Catalogne*, III, Paris.
- Fayer, C. (1976), *Il culto della dea Roma. Origine e diffusione nell'Impero*, Pescara.
- Fearn, D. (2007), *Bacchylides. Politics, performance, poetic tradition*, Oxford.
- Fernandes, L., Carvalho, P., Figueira, N. (2009), “Divindades indígenas numa ara inédita de Viseu”, *Palaeohispanica* 9: 143-155.
- Fernández Gallardo, L. (2002), *Alonso de Cartagena. Una biografía política en la Castilla del siglo XV*, Valladolid.

- Fernández Gallardo, L. (2008), “Alonso de Cartagena y el Humanismo”, *La Corónica* 37.1: 175- 215.
- Ferraz, C. (2002), “Conjunto de oito aras provenientes do *Lararium* de Centum Celas”, in V. L. Raposo, J. R. Ferreira (Coords.), *Religiões da Lusitânia. Loquuntur Saxa*, Lisboa, 467-469.
- Ferreira, J. R. (1988), “Grécia e Roma na Revolução Francesa”, *Revista de História das Ideias* 10: 203-234.
- Ferreira, J. R. (1990), *A democracia na Grécia Antiga*, Coimbra.
- Ferreira, J. R. (1990a), *Participação e poder na democracia grega*, Coimbra.
- Ferreira, J. R. (1993), *Hélade e Helenos I – Génese e Evolução de um Conceito*, Coimbra.
- Ferreira, J. R. (2004 2ª ed.), *A Grécia Antiga. Sociedade e Política*, Lisboa.
- Ferreira, J. R., (1991), “Presença da Grécia e de Roma na Revolução Francesa”, in *Actas do colóquio A Recepção da Revolução Francesa em Portugal e no Brasil*, Porto, vol. I, 75-96.
- Ferri, S. (1976), “Luci e ombre sulla interpretatio romana”, in *Convegno internazionale “Renania romana” Roma 14-16 aprile 1975*, Roma, 125-133.
- Ferrill, A. (1978), “Herodotus on tyranny”, *Historia* 27.3: 385-398.
- Figueira, T. J. (1998), *The Power of Money: Coinage and Politics in the Athenian Empire*, Philadelphia.
- Figueira, T. J. (2003), “Economic Integration and Monetary Consolidation in the Athenian Arkhê”, in G. Urso (ed.), *Moneta, Mercanti, Banchieri. I precedenti greci e romani dell’Euro*, Pisa, 71-92.
- Figueira, T. J. (2005), “The Imperial Commercial Tax and the Finances of the Athenian Hegemony”, *Incidenza dell’antico* 3: 83-133.
- Figueira, T. J. (2006), “Reconsidering the Athenian Coinage Decree”, *AIIN* 52: 9-44.
- Figueira, T. J. (2011), “The Athenian Naukraroi and Archaic Naval Warfare”, *Cadmo. Revista de História Antiga* 21: 183-210.
- Figueira, T. J. (forthcoming[a]), “Archaic Naval Warfare”, in N. Birgalias (ed.), *Great is the Power of the Sea: The Power of Sea and Sea Powers in the Greek world of the Archaic and Classical Periods*, Athens.
- Figueira, T. J. (forthcoming[b]), “The Aristeidian Tribute on the Peace of Nikias”, in S. Jensen, T. Figueira (eds.), *Athenian Hegemonic Finances*, Swansea.
- Figueira, T. J. (forthcoming[c]), “Community Wealth and Military Might in Periclean Athens”, in A.L. Pierris (ed.), *Mind, Might, Money: The Secular Triad in Classical Athens*, Patras.

- Figueira, T. J. (forthcoming[d]), "Aigina: Island as Paradigm", in A. Powell and K. Meidani (eds.), *The Eyesore of Aigina: Anti-Athenian Attitudes in Greek, Hellenistic and Roman History*, Swansea.
- Figueiredo, R., Lamounier, B. (1996), *As cidades que dão certo*, Brasília.
- Finley, M.I. (1966), *The Ancient Greeks. An introduction to their life and thought*, Londres. Trad. port.: *Os Gregos Antigos* (Lisboa, 2ª ed. 1988).
- Finley, M. I. (1973, 2ª ed.), *Democracy, ancient and modern*, London.
- Finley, M.I. (1973a), *The ancient economy*, London.
- Finley, M.I. (1982), *Authority and legitimacy in the classical city-state*, Kobenhavn.
- Fishwick, D. (1970), "Flamen Augustorum", *HSCP* 74: 299-312.
- Fishwick, D. (1982), "The altar of Augustus and the municipal cult of Tarraco", *MM* 23: 222-233
- Fishwick, D. (2002), *The Imperial Cult in the Latin West, 3/2, Provincial Cult / The Provincial Priesthood*, Leiden.
- Fishwick, D. (2005), *The Imperial Cult in the Latin West. Studies in the Ruler Cult of the Western Provinces of the Roman Empire*, Leiden, Boston.
- Fitton, J. W. (1961), "The Suppliant Women and the *Herakleidai* of Euripides", *Hermes* 89.4: 430-461.
- Flower, M. F. (2007), "Appendix R: The Size of Xerxes Expeditionary Force," in Robert B. Strassler (ed.), *The Landmark Herodotus: The Histories*, New York, 819-23.
- Fonseca, L. A. (1982), *O Condestável D. Pedro de Portugal*, Porto.
- Fontanella, F. (2008), "The Encomium on Rome as a response to Polybius' doubts about the Roman Empire", *Columbia Studies in the Classical Tradition* 33: 203-216.
- Forni, G. (1973), "El culto de Augusto en el compromiso oficial y en el sentimiento oriental", *BSAA* 39: 105-113.
- Forni, G. (1994), *Scritti vari di Storia, Epigraphia e antichità romane*, Roma.
- Franck, A. D. (1864), *Réformateurs et publicistes de l'Europe: Moyen Âge-Renaissance*, Paris.
- French, A. (1972), "The Tribute of the Allies", *Historia* 21: 3-20.
- Fuentes, M. J. (1986), *Corpus de las inscripciones fenicias, púnicas y neopúnicas de Hispania*, Barcelona.
- Gabba, S., Drioton, É. (1954), *Peintures à fresques et scènes peintes a Ermoupolis - Ourvest (Touna el-Gevel)*, Le Caire.
- Gaffiot, F. (s/d), *Dictionnaire latin-français*, Paris.
- Gagé, J. (1936), "Le *templum Urbis* et les origines de l'idée de *Renovatio*", in *Mélanges Franz Cumont*, Bruxelles, 151-187.

- Gagé, J. (1955), *Apollon romain. Éssai sur le culte d'Apollon et le développement du "ritus Graecus" à Rome des originrs à Auguste*, Paris.
- Gagé, J. (1968), "*Basiléia*". *Les Césars, les rois d'Orient et les "mages"*, Paris.
- Gagé, J. (1974), "Le *solemne Urbis* du 21 avril au III^e siècle ap. J.-C.: Rites positives et speculations séculaires", *Mélanges d'histoire de religions offerts à Henri-Charles Puech*, Paris, 225-241.
- García Bellido, M. P. (1993), "Sobre el culto de Volcanus y Sucellus en Hispania. Testimonios numismáticos", in F. Burkhalter, J. Arce (eds.), *Bronces y religión romana. Actas del XI Congreso internacional de bronce antiguos, Madrid mayo - junio 1990*, Madrid, 161-170.
- García Iglésias, L. (1976), "Autenticidad de la inscripción de municipios que sufragaron el puente de Alcántara", *Revista de Estudios Extremeños* 32.2: 263-276.
- García Jurado, F. (2007), *Aulo Gelio, Noches Áticas. Antología*, Madrid.
- García Romero, F. (2002), "Pervivencia de Penélope", in C. Morenilla Talens, F. De Martino (eds.), *El perfil de les ombres*, Bari, 187-204.
- García Soler, M. J. (2010), "Gastronomia e pubblicità nella Grecia antica", in F. De Martino (ed.), *Antichità & pubblicità*, Bari, 345-366.
- Garin, E. (1955), "Ricerche sulle traduzioni di Platone nella prima metà del XV secolo", *Medioevo e Rinascimento, Studi in onore di B. Nardi*, Firenze.
- Garin, E. (1966), *Storia della filosofia italiana*, Torino.
- Garriguet, J. A. (2004), "Grupos estatuarios imperiales de la Bética: la evidencia escultórica y epigráfica", in *Actas de la IV reunión sobre escultura romana en Hispania*, Madrid, 67-101.
- Gasperini, L. (1977), "L'Augusteo di Firmo Piceno in un'epigrafe da rileggere", *AFML* 10: 57-87.
- Gasperini, L. (2008), "L'Augusteo di Forum Clodii", en L. Gasperini, G. Paci, (eds.), *Nuove ricerche sul culto imperiale in Italia*, Tivoli, 91-134.
- Gasperini, L., Paci, G. (eds.) (2008), *Nuove ricerche sul culto imperiale in Italia*, Tivoli.
- Gaudemet J. (1947), "La législation religieuse de Constantin", *Révue d' Histoire de l'Église de France* 122: 25-61.
- Genette, G. (1997), *Palinsesti. La letteratura di secondo grado*, Torino.
- Gentili, B. (ed.) (1995), *Pindaro. Le pitiche*, Milano.
- Ghedini, F. (2000), "Filostrato Maggiore come fonte per la conoscenza della pittura antica", *Ostraka* 9.1: 75-197.
- Giachero, M. (ed.) (1974), *Edictum Diocletiani et Collegarum de pretiis rerum venalium in integrum restitutum e latinis graecisque fragmentis*, 1-2, Génova.

- Gico, V. (1998), “Luís da Câmara Cascudo: perfil bibliográfico”, in L. C. Cascudo, *Ontem. (Magações e notas de um professor de província)*, Natal.
- Gigli, D. (1985), *Metafora e poetica in Nonno di Panopoli*, Firenze.
- Gilles, K. J. (1987), “Römische Glasgefäße”, in AA.VV., *2000 Jahre Weinkultur an Mosel-Saar-Rurwer. Denkmäler und Zeugnisse zur Geschichte von Weinbau, Weinhandel, Weingenuß*, Trier, 143-145.
- Gilles, K. J. (1987b), “Trierer Weinkeramik”, in AA.VV., *2000 Jahre Weinkultur an Mosel-Saar-Rurwer. Denkmäler und Zeugnisse zur Geschichte von Weinbau, Weinhandel, Weingenuß*, Trier, 132-133.
- Gilles, K. J., König, M., Schumann, F. (1995), *Neuere Forschungen zum römischen Weinbau an Mosel und Rhein* (Schriftenreihe des Rheinischen Landesmuseums Trier, 11), Trier.
- Gilson, É. (1983, 6ª ed.), *Le thomisme*, Paris.
- Gómara, M. (2007), “Una inscripción paleohispánica sobre cerámica altoimperial en Cascante (Navarra)”, *Palaeohispanica* 7: 263-268.
- Gomes, S.A. (1998), *Visitações a mosteiros cistercienses em Portugal. Séculos XV e XVI*, Ministério da Cultura – IPPAR, Lisboa.
- Gomes, S. A. (2000), “Revisitação a um velho tema: a fundação do Mosteiro de Alcobaça”, in *Cister: Espaços Território e Paisagens. Colóquio Internacional, 16-20 Junho de 1998, Mosteiro de Alcobaça. Actas. I*, Lisboa, 27-72.
- Gomes, S. A. (2000), *O mosteiro de Alcobaça na transição dos séculos XIV e XV: o protagonismo de D. João Dornelas*, in *Cister. Espaços, Territórios, Paisagens. Colóquio Internacional. 16-20 Junho 1998. Mosteiro de Alcobaça*, Lisboa, 73-88.
- Gomes, S. A. (2006), D. Afonso V, *Círculo de Leitores-Colecção Reis de Portugal*, Lisboa.
- Gómez García, C. (2010), “La configuración de la ciudad de Berlin”, in J. M. Losada Goya (ed.), *Mito y mundo contemporáneo. La recepción de los mitos antiguos, medievales y modernos en la literatura contemporánea*, Bari , 617-626.
- González Rolán, T., P. Saquero Suárez-Somonte, P. (2001), “El Humanismo italiano en la Castilla del cuatrocientos: estudio y edición de la versión castellana y del original latino del *De infelicitate principum* de Poggio Bracciolini”, *Cuadernos de Filología Clásica. Estudios Latinos* 21: 115-150.
- González Rolán, T., Moreno Hernández, A., Saquero Suárez-Somonte, P. (2000), *Humanismo y teoría de la traducción en España e Italia en la primera mitad del siglo XV. Edición y estudio de la Controversia Alphonsiana (Alfonso de Cartagena vs. L. Bruni y P. Candido Decembrio)*, Madrid.
- Gorrochategui, J. (1987), “Situación lingüística de Navarra y alrededores en la antigüedad a partir de las fuentes epigráficas”, *Primer Congreso General de Historia de Navarra II*, Pamplona, 435-445.

- Gorrochategui, J. (2014), “Nueva inscripción funeraria celtibérica procedente de Clunia”, *Palaeohispanica* 14: 229-236.
- Gorrochategui, J. y Vallejo, J. M. (2010), “Lengua y onomástica. Las inscripciones lusitanas”, *Iberografías* 6: 71-80.
- Gose, E. (1976), *Gefäßtypen der römischen Keramik im Rheinland*, Köln.
- Graham, A. J. (1964), *Colony and Mother City*, Manchester.
- Grenier, A. (1934), *Manuel d'archéologie gallo-romaine* 2, *Les routes*, Paris.
- Gros, P., Marin, M., Zink, M. (eds.) (2015), *Auguste, son époque et l'Augusteum de Narona. Actes du colloque organisé à l'Académie des Inscriptions et Belles-lettres /e 12 décembre 2014*, Paris.
- Gualandi, M. L. (2001), *Le fonti per la storia dell'arte - I. L'antichità classica*, Roma.
- Guarducci, M. (1974), *Epigrafia greca*, vol. III, Roma.
- Guarducci, M. (1978), *Epigrafia greca*, vol. IV, Roma.
- Guerra, A., Schatner, T. (2010), “El foro y el templo de Lancia Oppidana: nueva interpretación de Centum Celas (Belmonte)”, in T. Mogale Basarrate (ed.) *Ciudad y Foro en Lusitania Romana*, Mérida, 333-342.
- Guilaine, J. (cur.) (1991), *Pour une archéologie agraire: à la croisée des sciences de l'homme et de la nature*, Paris.
- Guilmartin, J. F. (2002), *Galleons and Galleys*, London.
- Guilmartin, J. F. (2003), *Gunpowder and Galleys. Changing Technology and Mediterranean Warfare at Sea in the Sixteenth Century*, 2nd ed., Annapolis.
- Hall, J. M. (1997), *Ethnic identity in Greek Antiquity*, Cambridge.
- Hanell, K. (1934), *Megarische Studien*, Lund.
- Hänlein-Schäfer, H. (1985), *Veneratio Augusti. Eine Studie zu den Tempeln der ersten römischen Kaisers*, München.
- Hanley, R. (2000), *Villages in Roman Britain*, Princes Risborough.
- Hansen, H. M. (1991), *The Athenian Democracy in the age of Demosthenes. Structure, Principles and Ideology*, Oxford.
- Hardy, E. G. (1925), “The Lex Mamilia Roscia Peducaea Alliena Fabia”, *The CQ* 19 (3/4): 185-191.
- Harris, E. (1995), *Aeschines and Athenian Politics*, Oxford.
- Harth, H. (1984), *Poggio Bracciolini, Lettere*, Leo S. Olschki Editore, Florencia.
- Hekster, O., Schmidt-Hofner, S., Witschel, Chr. (eds.) (2009), *Ritual dynamics and Religious Change in the Roman Empire. Proceedings of the Eighth Workshop of the International Network Impact of Empire*, Leiden, Boston.
- Helck, W. (1971), *Das Bier im alten Ägypten*, Berlin.

- Hershowitz, A., (forthcoming), "Patterns in Variation in Tribute Assessment", in S. Jensen, T. Figueira (eds.), *Athenian Hegemonic Finances*, Classical Press of Wales, Swansea.
- Herta, P. (1978), "Bibliographie zum römischer Kaiserkult (1955-1975)", *ANRW* II 18: 833-910.
- Heubeck, A. (ed.) (1983), *Omero. Odissea*, Volume III (Libri IX-XII), Milano.
- Heurgon, J. (1950-1951), "La syntaxe des routiers romains", *Bulletin de la Société des Antiquaires de France*: 145-154.
- Heurgon, M. (1969), "Inscriptions étrusques de Tunisie", *CRAI*, 526-551.
- Heurgon, M. (1969a), "Les Dardaniens en Afrique", *REL* 47: 284-294.
- Higbie, C. (2007), "Hellenistic Mythographers", in R. Woodart (ed.), *The Cambridge Companion to Greek Mythology*, Cambridge, 237-54.
- Hignett, C. (1963), *Xerxes' Invasion of Greece*, Oxford.
- Hoffmann, C. (1991), *An introduction to bilingualism*, London, New York.
- Hoffmann, M. (1956), *5000 Jahre Bier*, Berlin.
- Holban, M., Bulgaru, M. M. A., Cernovodeanu, P. (eds.) (1980-83), *Calatori straini despre tarile române (Foreign Travellers about the Romanian Countries)*, Bucuresti, vol. VII: 1980; vol. VIII: 1983.
- Homo, L. (1972), *Rome impériale et l'urbanisme dans l'antiquité*, Paris.
- Hopkinson, N. (1984), "Callimachus' Hymn to Zeus", *CQ* 34: 139-148.
- Hornblower, S. (2008), *A Commentary on Thucydides. Volume I: Books I-III*, Oxford - New York.
- Houaiss, A. (2001), *Dicionário Houaiss da língua portuguesa*, Rio de Janeiro.
- Howgego, Chr, Heuchert, V. Burnett, A. (eds.) (2004), *Coinage and identity in the Roman provinces*, Oxford.
- Howgego, Chr. (2004), "Coinage and identity in the Roman provinces", in Chr. Howgego, A. Heuchert y Burnett (eds.), *Coinage and identity in the Roman provinces*, Oxford, 1-18.
- Huizinga, J. (1948), *Le déclin du Moyen Âge*, Paris.
- Hunter, R., Fuhrer, T. (2002), "Imaginary Gods? Poetic Theology in the *Hymns of Callimachus*", in F. Montanari, L. Lehnus (eds.), *Callimaque. Sept Exposés suivis de discussions*, Vandoeuvres-Gender, 143-175.
- Hurlet, F. (1996), *Les collègues du prince au temps d'Auguste et de Tibère: de la légalité républicaine à la légitimité dynastique*, Roma.
- Hutchinson, G. O. (1988), *Hellenistic Poetry*, Oxford.
- HCT* = Gomme, A. J., (1970), *A Historical Commentary on Thucydides*. vs. 1-2, Oxford.

- Icks, M. (2001), "Priesthood and Imperial Power. The Religious Reforms of Heliogabalus 220-222", in L. de Blois (ed.), *Administration, Prosopography and Appointment Policies in the Roman Empire. Proceedings of the First Workshop of the International Network Impact of Empire (Roman Empire, 27 B.C. - A.D. 406)*, Amsterdam, 169-178.
- IRT = Reynolds, J. M., Ward-Perkins, J. B. (1952), *Inscriptions of Roman Tripolitania*, Rome.
- Jackson, K. (1953), *Language and history in Early Britain*, Edinburgh.
- Jacoby, F. (1923), *Die Fragmente der griechischen Historiker*, Part I-III, Berlin.
- Jaeger, W. (s.d), *Paideia*, Trad. de Artur M. Parreira, São Paulo.
- Janko R. (1982), *Homer, Hesiod and the Hymns*, Cambridge.
- Jiménez, A. J. (1995), "La imagen de Teseo en las *Suplicantes*", in J. A. López Férrez (ed.), *De Homero a Libanio*, Madrid, 145-161.
- Johnson, L. (1960), "Natalis urbis and principium anni", *TPAPhA* 91: 109-120
- Julia, D. (1962), "Les monuments funéraires en forme de demi-cylindre dans la province romaine de Tarragonaise", *MCVI* : 29-54.
- Jullian, C. (1926), "Notes gallo-romaines", *Révue des Études Anciennes* 28. 2: 139-151.
- Little, K. (2002), "Monasticism and Western Society: from marginality to the establishment and back", *Memoirs of the American Academy in Rome* 47: 83-94.
- Kaimio, J. (1979), *The Romans and the Greek Language*, Helsinki.
- Kalinowski, A. (2007), "A series of honorific statue bases for the Vedii in the market agora at Ephesos (*IvE* 725, 731, 3076-3078)", in M. Mayer, G. Baratta, A. Guzmán, (eds.), *Acta XII Congressus internationalis epigraphiae Graecae et Latinae. Provinciae imperii Romani inscriptionibus descriptae*, vol I, Barcelona, 757-762.
- Kantiréa, M. (2007), *Les dieux et les dieux augustes. Le culte impérial en Grèce sous le Julio-claudiens et les Flaviens, Études épigraphiques et archéologiques*, Athènes.
- Katz, S. H., Fleming, S. J., McGovern, P. E. (1996), *The origins and ancient history of wine. Food and nutrition in history and anthropology* 11, Amsterdam.
- Kelso W.M. (ed.) (1990), *Earth patterns. Essays in landscape archaeology*, Charlottesville.
- Kerkhecker, A. (1999), *Callimachus' Book of "Iambi"*, Oxford.
- Khanoussi, M. (1983), "Nouvelles sépultures d'époque romaine", in Beschaouch A. et alii (eds.), *Recherches archéologiques franco-tunisiennes à Bulla-Regia, I* (CEFR 28/I), Roma, 93-106.
- Kiss, Z. (1975), *L'iconographie des princes julio-claudiens au temps d'Auguste et de Tibère*, Varsovie.

- Kleiner, F. S. (1991), "The trophy on the bridge and the Roman triumph over nature", *L'Antiquité Classique* 60: 182-192.
- Koch, J. (2009), *Tartessian. Celtic in the South-west at the dawn of history*, Aberystwyth.
- Koch, J. (2009a), "A case for Tartessian as a Celtic language", *Palaeohispanica* 9: 339-351.
- Kolb, A. (2001), "Transport and communication in Roman state: the *cursus publicus*", in C. Adams and R. Laurence (eds.), *Travel and Geography in the Roman Empire*, Londres - Nova Iorque, 95-105.
- Kolb, A. (ed.) (2010), *Augustae. Machtbewusste Frauen am römischen Kaiserhof? Herrschaftsstrukturen und Herrschaftspraxis*, Berlin.
- Kozakai, T. (2000), *L'étranger, l'identité. Essai sur l'intégration culturelle*, Paris.
- Kramer, N., Reitz, Chr. (eds.) (2010), *Tradition und Erneuerung. Mediale Strategien in der Zeit der Flavier*, Berlin, New York.
- Kristeller, P. O. (1961, 3^a ed.), "The moral thought of Renaissance humanism", in *Chapters in Western civilization*, I, New York, 289-335.
- Krynen, J. (1981), *Idéal du prince et pouvoir royal en France à la fin du Moyen Âge (1380-1440). Étude de la littérature politique du temps*, Paris.
- Kuhoff, W. (2001), *Diokletian und die Epoche der Tetrarchie*, Frankfurt.
- Künzl, S. (1997), *Die Trierer Spruchbecherkeramik. Dekorierter Schwarzfirniskeramik des 3. und 4. Jahrhunderts* (Beihefte Trierer Zeitschrift 21), Trier.
- Lambert, P. Y. (1994), *La langue gauloise*, Clamecy.
- Lambrino, S. (1937), "La famille d'Apollon à Histria", *Aephem* 100: 352-362.
- Lambrino, S. (1952), "Les inscriptions de São Miguel de Odrinhas", *Bulletin des Études Portugaises* 16: 134-176.
- Lasserre, F. (1976), "Hérodote et Protagoras: le débat sur les constitutions", *MH* 33: 65-84.
- Lateiner, D. (1984), "Herodotean historiographical patterning: the constitutional debate", *Q&S* 20: 257-284.
- Laurence, R. (2001), "Afterword: travel and empire", in C. Adams and R. Laurence (eds.), *Travel and Geography in the Roman Empire*, Londres / Nova Iorque, 167-176.
- Lausberg, H. (1990, 3^a ed.), *Handbuch der literarischen Rhetorik. Eine Grundlegung der Literaturwissenschaft*, Stuttgart.
- Lawrance, J. N. H. (1990), "Humanism in the Iberian Peninsula", in A. Goodman, A. Mackay (eds.), *The Impact of Humanism on Western Europe*, Londres, 220-258.
- Lazenby, J. F. (1993), *The Defence of Greece, 490-479 B.C.*, Warminster.

- Leão, D. F. (2012), *A Globalização no Mundo Antigo. Do Polites ao Kosmopolites*, Coimbra.
- Lehmann, K. (1962), "Ignorance and search in the villa of the Mysteries", *JRS* 52: 62-68.
- Leite de Vasconcelos, J. (1913), *Religiões de Lusitania*, III, Lisboa 1989.
- Leite, S. (ed.) (1963), *Estatutos da Universidade de Coimbra (1559)*, Coimbra.
- Lekai, L. J. (1987), *Los Cistercienses. Ideales y realidad*, Barcelona.
- Lemny, S. (2010), *Cantemirestii. Aventura europeana a unei familii princiarie din secolul al XVIII-lea (Les Cantemir: l'aventure européenne d'une famille princière au XVIIIe siècle, 2006)*, Iasi, Polirom.
- Lesky, A. (1995), *História da Literatura Grega*, Lisboa.
- Leveau, Ph. (1992), "Le territoire agricole d'Arles dans l'antiquité. Relecture de l'histoire économique d'une cité antique à la lumière d'une histoire du milieu", in M. Bernardi (cur.), *Archeologia del Paesaggio*, Firenze, vol. II, 597-636.
- Levy, A. M. (2010), *Sex Acts in Early Modern Italy: Practice, Performance, Perversion, Punishment*, Farnham.
- Lewis, D. M., Boardman, J., Hornblower, S., Ostwald, M (eds.) (1994), *The Cambridge Ancient History, Volume 6: The Fourth Century BC*, Cambridge.
- Lewis, D. M. (1994), "The Athenian Tribute Quota Lists, 453-450 BC", *BSA* 89: 285-301.
- Lima, D. C. (1998, 3ª ed.), *Câmara Cascudo: um brasileiro feliz*. Rio de Janeiro.
- Lintott, A. (1992), *Judicial reform and land reform in the Roman Republic*, Cambridge.
- Little K. (2002), "Monasticism and Western Society: from marginality to the establishment and back", *Memoirs of the American Academy in Rome* 47: 83-94.
- Littman, R. J. (1974), *The Greek experiment, Imperialism and social conflict 800-400 B. C.*, Londres.
- Liverani, P. (1994), "Il ciclo di ritratti del edificio absidato a Roselle", in *Roselle: iconografia imperiale e glorificazione Familiare, MDAL, RA* 101: 161-163.
- Loeschcke, S. (1932), "Römische Denkmäler vom Weinbau an Mosel, Saar und Ruwer", *TfZ* 7: 42-60.
- Loeschcke, S. (1933), *Denkmäler vom Weinbau aus der Zeit der Römerherrschaft an Mosel, Saar und Ruwer*, Trier.
- López Moreda, S. (2009), *Aulo Gelio, Noches Áticas*, Madrid.
- López Vilar, J. (1999-2000), "Consideracions sobre les *cupae* i altres estructures funeràries afins", *Bullettí Arcqueològic* V. 21-22: 65-103.

- Lorenzo Gómez, F. (2010), *Un dios entre los hombres. La adoración a los emperadores romanos en Grecia*, Barcelona.
- Losada Goya, J. M. (ed.) (2010), *Mito y Mundo contemporáneo. La recepción de los mitos antiguos, medievales y modernos en la literatura contemporánea*, Bari.
- Lucet, B. (1977), *Les codifications cisterciennes de 1237 et de 1257*, Paris.
- Macan, R.W. (1908), *Herodotus, The Seventh, Eighth, & Ninth Books*, London.
- Machado de Assis, J. M. (1971), “Esaú e Jacó”, in Machado de Assis, *Obra Completa*, Rio de Janeiro, José Aguilar Editora.
- Maehler, H. (1982), *Die Lieder des Bakchylides I* (2 vols.), Leiden.
- Magioncalda, A. (1991), *Lo sviluppo della titolatura imperiale da Augusto a Giustiniano attraverso le testimonianze epigrafiche*, Torino.
- Magueijo, C. (1970), “A Lex Metallis Dicta”, *O Arqueólogo Português* série 3, 4: 125-163.
- Maltese, V. E.-Cortassa, G. (eds.) (2000), *Roma parte del cielo. Confronto tra l'Antica e la Nuova Roma di Manuele Crisolora*, Torino.
- Mamede, Z. (1970), *Luis da Câmara Cascudo: 50 anos de vida intelectual 1918/1968*, Natal.
- Manconi, D., Catalli, F. (eds.) (2005), *Le immagini del potere. Il potere delle immagini. L'uso del ritratto ufficiale nel mondo romano da Cesare ai Severi*, Perugia.
- Mann, C. (2001), *Athlet und Polis im archaischen und frühklassischen Griechenland*, Göttingen.
- Mantas, V. G. (2008-2009), “A rede viária romana em Portugal. Estado da questão e perspectivas futuras”, *Anas* 21-22: 245-272.
- Mantas, V. G. (2011), “Linhas fortificadas e vida quotidiana: da Muralha da China à Muralha do Atlântico”, in C. Guardado da Silva (coord.), *A Vida quotidiana nas Linhas de Torres Vedras*, Torres Vedras, 15-56.
- Mantas, V. G. (2012), *As vias romanas da Lusitânia*, Mérida.
- Maquiavel, N. (2010, 8ª ed), *O príncipe*, Trad. de Pietro Nassetti, Martin Claret, São Paulo.
- Maquiavel, N. (1980), *Le Prince de Maquiavel*, Traduction et commentaire de C. Roux-Lehman, Paris.
- Maravall, J. A. (1972), *Estado moderno y mentalidad social (siglos XV a XVII)*, 2 vols., Madrid.
- Marco, F. (1993), “Nemedus Augustus”, in I. J. Adiego, J. Siles, J. Velaza, (eds.), *Studia Palaeohispanica et Indogermanica J. Untermann ab amicis Hispanicis oblata*, Barcelona, 163-178.

- Marco, F. (1996), "Integración, interpretatio y resistencia religiosa en el occidente del imperio", in J. M. Blásquez, J. Alvard (ed.) *La romanización en Occidente*, Madrid, 217-238.
- Marcos Casquero, M. A., Domínguez García, A. (2006), *Aulo Gelio, Noches Áticas*, vol. I, Universidad de León.
- Marcy, G. (1936), *Les inscriptions libyques bilingues de l'Afrique du nord*, Paris.
- Moreno Gallo, I. (2006), *Vías romanas: ingeniería y técnica constructiva*. Madrid.
- Marlière, É. (2001), *Le tonneau en Gaule Romaine*, *Gallia* 58: 181-201.
- Marlière, É. (2002), *L'outre et le tonneau dans l'Occident romain*, Montagnac.
- Marques, M. A. F. (1998), "A introdução da Ordem de Cister em Portugal", in *Estudos sobre a Ordem de Cister em Portugal*, Lisboa.
- Marrou, H.-I. (1963), "L'Église dans la première moitié du quatrième siècle", in *L'Église de l'Antiquité tardive 303-604*, Paris, 26-35.
- Marrou, H.-I. (1965, 6ª ed.), *Histoire de l'éducation dans l'Antiquité*, Paris.
- Marshall, P. K (1983), "Aulus Gellius", in L.D. Reynolds (ed.), *Texts and Transmission. A Survey of the Latin Classics*, Oxford.
- Martínez, A. (1993), "Dos esgrafiados ibéricos sobre una estela romana de Requena (Valencia)", *Saguntum* 26: 247-251.
- Martínez-Pinna, J. (2002), "Los arcadios", in *La prehistoria mítica de Roma, Gerión. Anejos* 6: 135-167.
- Martini, W. (1990), *Die archaischen Plastik der Griechen*, Darmstadt.
- Mastino, A. (1981), *Le titolature di Caracalla e Geta attraverso le iscrizioni (indici)*, Bolonia.
- Mattoso, A., (1935 2ª ed.), *Compêndio de história antiga*, Sá da Costa, Lisboa.
- Maurice, F. (1930), "The Size of the Army of Xerxes in the Invasion of Greece 480 B.C.", *JHS* 50: 210-35.
- Mayer, M. (1980), "La plasmación lingüística de la pervivencia de los cultos prerromanos en Hispania a través de los formularios epigráficos", *Revista Española de Lingüística* 10: 230-231.
- Mayer, M. (1993), "El paganismo cívico de los siglos II y III en la Hispania citerior. Su reflejo en la epigrafía", in *Ciudad y comunidad cívica en Hispania. Siglos II y III d. C. Cité et communauté civique en Hispania*, Madrid, 161-175.
- Mayer, M. (1995), "El primer horizonte epigráfico en el litoral noreste de la Hispania citerior", in F. Beltrán (ed.), *Roma y el nacimiento de la cultura epigráfica en Occidente*, Zaragoza, 97-119.
- Mayer, M. (1998), "¿Qué es un *Augusteum*?", *Historia Antiqua* 4: 63-70.
- Mayer, M. (1999), "Aproximación a la religión cívica en Hispania bajo los

- flavios”, *Ktema* 24: 341-345.
- Mayer, M. (2004), “El *Augusteum* de Narona (Vid, Metković, Croacia) en época de los Severos”, in *Orbis Antiquus. Studia in honorem Ioannis Pisonis*, Cluj-Napoca, 283-289.
- Mayer, M. (2005), “Constantino el Grande: deconstrucción y construcción de un Imperio”, in F. de Oliveira (coord.), *Génesis e Consolidação da Ideia de Europa*, vol. III, *O Mundo Romano*, Coimbra, 203-230.
- Mayer, M. (2007a), “La presenza imperiale nelle città del *Picenum* tra l’epoca augustea e il regno dei Severi : un primo approccio”, *Studi Maceratesi* 41: 27-40.
- Mayer, M. (2007b), “Las dedicatorias a miembros de la *domus* Augusta julio-claudia y su soporte: una primera aproximación”, in G. Paci (ed.), *Contributi all’epigrafia del’età augustea. Actes de la XIII^e Rencontre franco-italienne sur l’*épigraphie* du monde romain*, Tivoli, 171-199
- Mayer, M. (2008), “Sila y el uso político de la epigrafía”, in M. Caldelli, G. L. Gregori, S. Orlandi (eds.), *Epigrafia 2006. Atti della XIV^e rencontre sur l’*épigraphie* in onore di Silvio Panciera con altri contributi di colleghi, allievi e collaboratori*, Roma, 121-135.
- Mayer, M. (2009), “Los honores recibidos por la familia de Marco Aurelio en la parte oriental del imperio romano: ¿cambio o continuidad en el culto dinástico?”, in A. Martínez Fernández (ed.), *Estudios de Epigrafía Griega*, La Laguna, 277-294.
- Mayer, M. (2010), “La presència de la dinastia antonina a Tarraco”, in *Studia Celtica Classica et Romana Nicolae Szabó septuagesimo dicata*, Budapest, 159-167.
- Mayer, M. (2015), “La epigrafía y el *Augusteum* de Narona”, in G. Zecchini (ed.), *L’Augusteum di Narona. Atti della Giornata di Studi. Roma 31 maggio 2013*, (Centro ricerche e documentazione sull’ antichità clásica, monografie, 3 7), Roma, pp. 19-41.
- McCrum, M., Woodhead, A.G. (1961), *Select Documents of the Principates of the Flavian Emperors Including the Year of Revolution, A.D. 68-96*, Cambridge.
- Mednikarova, I. (2003), “The accusative of the name of the deceased in Latin and Greek epitaphs”, *ZPE* 143: 117-134.
- Meiggs, R. (1972), *The Athenian Empire*, Oxford.
- Melani, V., Vergari, M. (1985), *Profilo di una città etrusca Roselle*, Pistoia.
- Melchor Gil, E. (1992), “Sistemas de financiación y medios de construcción de la red viaria hispana”, *Habis*, 23: 121-137.
- Melchor Gil, E. (2010), “Homenajes estatutarios e integración de la mujer en la vida pública municipal de las ciudades de la Bética”, in F. J. Navarro (ed.), *Pluralidad e integración en el Mundo Romano*, Pamplona, 221-245.

- Mellor, R. (1975), *ΘΕΑ ΡΩΜΗ the Worship of the Goddess Roma in the Greek World*, Göttingen.
- Mellor, R. (1981), "The Goddess Roma", in *ANRW* II 17. 2, Berlin, New York, 950-1030
- Menegazzi, L. (1995), *Il manifesto italiano* (prima ed. 1974), Milano.
- Merêa, P. (1929), *História de Portugal*, Vol. II. Coimbra.
- Merêa, P. (1941), *Suárez, Grácio, Hobbes*, Coimbra.
- Mesnard, P. (1977), *Essor de la philosophie politique au XVIe Siècle*, Paris.
- Messerschmidt, W. (2003), *Prosopopoiia: Personifikationen politischen Charakters in spätklassischer und hellenistischer Kunst*, Köln.
- Michelini, A. N. (1994), "Political themes in Euripides' *Suppliants*", *AJP* 115. 2: 219-252.
- Millar, F. (1968), "Local cultures in the Roman Empire: Libyan, Punic and Latin", *JRS* 58: 126-134.
- Millar, F. (1993), *The Roman Near East 31 BC-337 AD*, London.
- Millar, F. (2006), *A Greek Roman Empire, Power and belief under Theodosius II 408-450*, Berkeley.
- Minerath, R. (1996), *Histoire des Conciles*, Paris.
- MLH = J. Untermann, J. (1975-2000), *Monumenta linguarum Hispanicarum*, I-V, Wiesbaden.
- Moggi, M. (1976), *I sinecismi interstatali greci*, Pisa.
- Moncada, C. (1947), *Filosofia do direito e do estado*, I, Coimbra.
- Monfrin, J. (1964), "Humanisme et traductions au Moyen Age", in *L'Humanisme médiéval dans les littératures romanes du XIIe au XIVe siècle* (Actes du Colloque organisé par le Centre de Philologie et de Littératures romanes de l'Université de Strasbourg), Paris.
- Monteiro, N., d'Encarnação, J. (1993-1994), "A propósito de uma inscrição latina em Santiago da Guarda (Ansião)", *Conimbriga* 32-33: 303-311.
- Moretti, G. (2007), "Patriae trepidantis imago. La personificazione di Roma nella *Pharsalia* fra *ostentum* e disseminazione allegorica", *Camena* 2: 1-17
- Morrison, A. D. (2007), *The Narrator in Archaic Greek and Hellenistic Poetry*, Cambridge.
- Mosley, D. J. (1965), "The Size of Embassies in Ancient Greek Diplomacy", *TPAPhA*: 255-266.
- Mosley, D. J. (1972), "Envoys and diplomacy in Ancient Greece", *Historia* 22: 1-97.
- Mossé, Cl. (1970), *La colonisation dans l'Antiquité*, Paris, 27-99.

- Mullen, A. (2007), “Linguistic evidence for ‘romanization’: continuity and change in Romano-British onomastics: a study of the epigraphic record with particular reference to Bath”, *Britannia* 38: 35-61.
- Muñoz, V. (2005), “La *interpretatio romana* del dios prerromano Bandue”, *Veleia* 22: 145-152.
- Munro, J.A.R. (1926), “Xerxes’ Invasion of Greece”, in *The Persian Empire and the West, Cambridge Ancient History*, Vol. IV, Cambridge, 268-316.
- Nascimento, A. A. (1990), “Poggio e o seu interesse por códices de Alcobça”, *Revista da Faculdade de Letras de Lisboa* 13-14: 37-40.
- Nascimento, A. A. (1993), “As librerias dos príncipes de Avis”, *Biblos. Revista da Faculdade de Letras* (Coimbra). *Actas do Congresso Comemorativo do 6º Centenário do Infante D. Pedro* (25 a 27 de Novembro de 1992) 69: 265-287.
- Nascimento, A. A. (1995), “La réception des auteurs classiques dans l’espace culturel portugais: une question ouverte”, in C. Leonardi, B. Munk Olsen (eds.), *The Classical Tradition in the Middle Ages and Renaissance*, Spoleto, 47-56.
- Nascimento, A. A. (1997), “Traduzir, verbo de fronteira nos contornos da Idade Média”, in C. Almeida Ribeiro, M. Madureira (eds.), *O género do texto medieval*, Lisboa, 113-138.
- Nascimento, A. A. (1999), *Cister. Os documentos primitivos. No 9.º Centenário da fundação de Cister* (1999). Introdução, tradução e notas de Aires A. Nascimento, Lisboa.
- Navarro Caballero, M. (2003), “Mujer de notable: representación y poder en las ciudades de la España imperial”, in S. Armani, B. Martineau-Hurlet, A. U. Stylow, (eds.), *Acta antiqua Complutensia IV. Epigrafía y sociedad en Hispania durante el Alto Imperio: estructuras sociales*, Alcalá de Henares, 119-127.
- Nemeti, S. (1998), “Cultul lui Sucellus–Dis Pater și al Nantosueltei–Proserpina în Dacia romană”, *EphemNapoc* 8: 95-121.
- Neumann, G., Untermann, J. (eds.) (1980), *Die Sprachen im Römischen Reich der Kaiserzeit. Beihefte der Bonner Jahrbücher* 40, Bonn.
- Nicosia, F. (ed.) (1990), *Un decennio di ricerche a Roselle. Statue e ritratti*, Firenze.
- Nunes, E., Albuquerque, M. (1968), “Parecer do doutor ‘Valasco di Portogallo’ sobre o beneplácito régio (Florença, 1954)”, in V. Rau (ed.), *Do tempo e da história*, Lisboa, t. 2, 97-139.
- Ober, J. (1989), *Mass and Elite in Democratic Athens. Rhetoric, Ideology, and the Power of the People*, Princeton.
- Odiot, T. (2004), “Le site du Molard à Donzère”, in Brun, J.-P., Poux, M., Tchernia, A. (eds.), *Le vin. Nectar des Dieux. Génies des Hommes*, Gollion, 202-203.

- Oelmann, F. (1914), *Die Keramik des Kastells Niederbieber*, Frankfurt.
- Ohly, D. (1976), *Die Aegineten: die Marmorskulpturen des Tempels der Aphaia auf Aegina*. (a) I. Die Ostgiebelgruppe. München. (b) II. Die Westgiebelgruppe. III. Altarplatzgruppen, Akrotere, etc, München.
- Olteanu, T. (2008), “El culto a Victoria y la *interpretatio* indígena en el Occidente de Hispania, Gallia y el norte de Britania”, *BVallad* 74: 197-224.
- Ors, A. de (1953), *Epigrafía jurídica de la España romana*, Madrid.
- Pacaut, M. (1993), *Les moines blancs. Histoire de l'Ordre de Cîteaux*, Paris.
- Pallottino, M. (1952), “El problema de las relaciones entre Cerdeña e Iberia en la antigüedad prerromana”, *Ampurias* 14: 137-155.
- Pancieria, S. (2003), “Umano, sovraumano o divino? Le divinità augustee e l'imperatore a Roma”, in L. de Blois, P. Erdkamp, O. Hekster, G. De Kleijn, S. Mols, (eds.), *The Representation and Perception of Roman Imperial Power. Proceedings of the Third Workshop of the International Network Impact of Empire (Roman Empire c. 200 B.C. – A.D. 476)*, Amsterdam, 219-239.
- Paparelli, G. (1973), *Feritas, humanitas, diuinitas. L'essenza umanistica del Rinascimento*, Napoli.
- Parker, V. (1988), “Τύραννος. The semantics of a political concept from Archilochus to Aristotle”, *Hermes* 126. 2: 145-172.
- Patillon, M. (ed.) (2002), *Pseudo-Aelius Aristide, Arts rhétoriques*, Paris.
- Pekary, T. (1968), *Untersuchungen zu den römischen Reichsstraßen*, Bona.
- Pellegrini, D. P. M. (2003), *Le Grandi Storie dell'Auto*, vol. 2, *Alfa Romeo*, 35-35.
- Pelling, Ch. (2002), “Speech and action: Herodotus' Debate on the Constitutions”, *PCPhS* 48: 123-158.
- Peña Cervantes, Y. (2010), *Torcularia. La producción de vino y aceite en Hispania. Catálogo de yacimientos analizados en cedé* (Sèrie documenta 149), Tarragona.
- Pensa, M. (1979), “Genesi e sviluppo dell'arco onorario nella documentazione numismática”, *Studi sull'Arco Onorario Romano*, Roma, 19-27.
- Peres, D. (1952), *História de Portugal*, II, Porto.
- Pérez Martin, A. (1979), *Proles Aegidiana. I. Introducción. Los Colegiales desde 1368 a 1500*, Bolonia.
- Pérez Martin, A. (1999), *Espanoles en el Alma Mater Studiorum. Profesores hispanos en Bolonia (de fines del siglo XII a 1799)*, Murcia.
- Pérez Ruiz, F. (1984), “El justo es feliz y el injusto desgraciado, justicia y felicidad en la República de Platon”, *Pensamiento* 40, 159: 257-295.
- Petrarca, F. (1581), *Francisci Petrarcae Florentini Opera*. Basileae, per Sebastianum Henricpetri.

- Petrarca, F. (1942), *Epistolae familiares*, in V. Rossi (ed.), *Le Familiari*, Firenze.
- Petri, Ch. (1989), “La politique de Constance II: un premier ‘césaropapisme’ ou l’*imitatio Constantini*?” in A. Dihle (coord.), *L’église et l’empire au IV siècle*, Genève, 113-178.
- Pfeiffer, R. (1949-1951), *Callimachus*, 2 vols., Oxford.
- Pflaum, H.G. (1976), *Inscriptions latines de l’Algérie*, t. II, vol. II, *Inscriptions de la Confédération cirtéenne, de Cuicul et de la tribu des Suburbures*, Alger.
- Pflug, H. (1941), *As auto-estradas do Reich*, Berlim.
- Pharr, C. et alii (2008), *The Theodosian Code and Novels and the Sirmundian Constitution. Translation, commentary and bibliography*, Union (NJ).
- Piana, C. (1976), *Nuovi documenti sull’Università di Bologna e sul Collegio di Spagna*, I-II, Bolonia, Zaragoza.
- Pick, B. (1898), *Die antiken Münzen Nordgriechenlands I, 2. Die antiken Münzen von Dacien und Moesien*, Berlin.
- Piganiol, A. (1972, 2ª ed.), *L’empire chrétien*, Paris.
- Pina, R. de (1977), *Chronica do Senhor Rey D. Affonso V*, cap. CXXV “Das feiçoões custumes e virtudes do Yfante Don Pedro”, in M. L. de Almeida (Intro. e Revisão), *Crónicas de Rui de Pina*, Porto.
- Pinheiro Futre, M. P. (2006), “Do Mito à Utopia: viagem ao mundo do imaginário grego” in *Actas do V Congresso da APEC – Antiguidade Clássica e nós: Herança e Identidade Cultural*, Braga, 569-581.
- Pinho, S. T. (1999), “Os Príncipes de Avis e o Pré- Humanismo Português”, in *Raízes Greco-Latinas da Cultura Portuguesa. Actas do I Congresso da APEC*, Coimbra, 99-133.
- Pinto, Frei H. (1952), “Diálogo da justiça”, in *Imagem da vida cristã*, I, Lisboa.
- Pippidi, D. M. (1971), *I Greci nel Basso Danubio dall’età arcaica alla conquista romana*, Mailand.
- Pirling, R. (1993), “Ein Trierer Spruchbecher mit ungewöhnlicher Inschrift aus Krefeld-Gellep“, *Germania* 71: 387-404.
- Podlecki, A. J. (1976), “Athens and Aegina”, *Historia* 25.4: 396-413.
- Poenaru Bordea, G. (1979), “Les statères ouest-pontiques de type Alexandre le Grand et Lysimaque”, *RBNS* 125: 37-51.
- Prag, J. R. W. (2002), “Epigraphy by numbers: Latin and the epigraphic culture in Sicily”, in A. E. Cooley (ed.), *Becoming Roman, Writing Latin? Literacy and Epigraphy in the Roman West. JRA Suppl. Ser.* 48: 15-31.
- Preda, C., Popescu, E., Diaconu, P. (1962), “Săpăturile arheologice de la Mangalia (Callatis)”, *Materiale* 8: 439-455.
- Pressouyre, L. (1990), *Le rêve cistercien*, Paris.

- Price, S. R. F. (1984), *Rituals and Power. The Roman Imperial Cult in Asia Minor*, Cambridge.
- Privitera, G. A. (1988), “Pindaro, *Nem.* III 1-5 e l'acqua di Egina”, *QUCC* 58: 63-70.
- Puerta Torres, C. (1995), *Los miliarios de la Vía de la Plata*, 1-2, Madrid.
- Quadrino, D. (2007), *Una nuova iscrizione onoraria di Adriano e il Sebasteion di Kestros in Cilicia Tracheia*, Tivoli.
- Radnoti Alföldi, M., Rasbach, G. (1999), “Zur Frage der interpretatio Romana“, in *Festschrift für Günter Smolla*, Wiesbaden, 597-605.
- Raepsaet-Charlier, M. Th. (1975), “La datation des inscriptions latines dans les provinces occidentales de l'Empire Romain d'après les formules « In H(onorem) D(omus) D(ivinae) » et « Deo, Deae »”, in *ANRW II* 3: 232-282.
- Raepsaet-Charlier, M. Th. (2005), “Les sacerdoces des femmes sénatoriales sous le Haut-Empire”, in M.-F. Baslez, F. Prévot (eds.), *Prosopographie et histoire religieuse. Actes du colloque tenu en l'Université Paris XII-Val de Marne le 27 & 28 octobre 2000*, Paris, 283-304.
- Ramalho, A. C. (1985), *Latim Renascentista em Portugal (Antologia)*, Coimbra.
- Rapp, Cl. (2005), *Holy Bishops in Late Antiquity, The nature of Christian Leadership in an age of transition*, Berkeley.
- Rau, V. (1969), “Italianismo na cultura jurídica portuguesa do século XV”, *Revista Portuguesa de História* 12.1: 185-206.
- Rau, V. (1973), “Studenti ed eruditi portoghesi in Italia nel secolo XV”, *Estudos Italianos em Portugal* 36: 7-73.
- Rawlinson, H. G. (1916), *Intercourse between India and the Western World from the Earliest Times to the Fall of Rome*, Cambridge.
- Rebelo, D. L. (1951), *Do governo da república pelo rei (de república gubernanda per regem)*, reprodução fac-similada da edição de 1496, Introdução e notas de A. M. de Sá, Lisboa.
- Rebelo, L. de S. (1983), *A concepção do poder em Fernão Lopes*, Lisboa.
- Rebuffat, R. (2007), “Pour un corpus des bilingues punico-libyques et latino-libyques”, in M. H. Fantar (ed.), *Osмосe etnho-culturelle en Méditerranée*, Tunis, 183-242.
- Regra do Patriarca S. Bento* (1992), Edições “Ora & Labora”, Singeverga.
- Rhodes, P. J. (1993), *A Commentary on the Aristotelian ATHENAION POLITEIA*, Oxford.
- Rhodes, P. J. (2006), *A History of the Classical Greek World 478-323 BC*, Molden.
- RIB = Collingwood, R. G. (1965), *The Roman inscriptions of Britain. I. Inscriptions on stone*, Oxford.

- RIG = P.-M. Duval (ed.), *Recueil des inscriptions gauloises*, Paris 1985-. I: M. Lejeune, *Textes gallo-grecs*, 1985; II.1: M. Lejeune, *Textes gallo-étrusques. Textes gallo-latins sur pierre*, 1988; II.2: P.-Y. Lambert, *Textes gallo-latins sur instrumentum*, 2002; III: P.-M. Duval y G. Pinault, *Les calendriers (Coligny, Villards d'Héria)*, 1988; IV: J.-B. Colbert de Beaulieu y B. Fischer, *Les légendes monétaires*, 1998.
- Ripollés, P. P. (2004), "Coinage and identity in the Roman provinces: Spain", in Ch. Howgego, V. Heuchert, A. Burnett (eds.), *Coinage and identity in the Roman provinces*, Oxford, 79-93.
- Ripollés, P. P., Velaza, J. (2002), "Saguntum, colonia latina", *ZPE* 141: 285-294.
- Rodgers, B. (1989), "The Metamorphosis of Constantine", *CQ* 39.1: 233-246.
- Rodrigues, M. A. (1993), "O infante D. Pedro e a Universidade", *Biblos. Revista de Faculdade de Letras (Coimbra). Actas do Congresso Comemorativo do 6º Centenario do Infante D. Pedro (25 a 7 de Novembro de 1992)* 69: 345-362.
- Rodrigues, N. S. (2007), "Entre Europa e Io: elementos orientais na arte grega arcaica e clássica", in J. A. Ramos, L. M. Araújo, A. Ramos dos Santos (eds.), *Arte Pré-Clássica. Colóquio Comemorativo dos Vinte Anos do Instituto Oriental da Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa*, Lisboa, 323-346.
- Rodríguez, P., Díez de Pinos, E. (2014), "Nueva inscripción celtibérica en piedra de El Pueyo de Belchite (Zaragoza)", *Palaeohispanica* 14: 245-262.
- Rodríguez Colmenero, A., Ferrer Sierra, S., Álvarez Asorey, R. (2004), *Miliários e outras inscrições viarias romanas do noroeste hispánico*. Santiago de Compostela.
- Rocha Pereira, M. H. (1981), "O mais antigo texto europeu de teoria política", *Nova Renascença* 1: 364-370.
- Rocha Pereira, M. H. (1990), "O 'Diálogo dos Persas' em Heródoto", *Estudos Portugueses. Homenagem a António José Saraiva*, Lisboa, 351-362.
- Rocha Pereira, M. H. (2003), *Hélade. Antologia da Cultura Grega*, Asa, Porto.
- Rocha Pereira, M. H. (2008, 8ª ed.), *Sófocles: Antígona*, Coimbra.
- Rocha Pereira, M. H. (2009, 10ª ed.), *Hélade*, Lisboa, Guimarães.
- Rocha Pereira, M. H. (2012), *Estudos de História da Cultura Clássica*, vol.1 – *Cultura Grega*, Lisboa.
- Roldán Hervás, J. (1975), *Itineraria Hispana. Fuentes antiguas para el estudio de las vías romanas en la Península Ibérica*, Madrid.
- Röllig, W. (1980), "Das Punische im Römischen Reich", in G. Neumann, J. Untermann (eds.), *Die Sprachen im Römischen Reich der Kaiserzeit. Bonner Jahrbücher des Rheinischen Landesmuseums in Bonn im Landschaftsverband*

- Rheinland und des Vereins von Altertumsfreunden im Rheinlande* 40), Köln, 285-299.
- Romano, E. (2006-2009), “Le tombe “a *cupa*” in Italia e nel Mediterraneo. Tipologia architettonica, committenza e rituale”, *StC/O* 52: 149-219.
- Romilly, J. de (1959), “Le classement des constitutions d’Hérodote à Aristote”, *REG* 72: 81-99.
- Rose, C. B. (1997), *Dynastic Commemoration and Imperial Portraiture in the Julio-Claudian Period*, Cambridge.
- Rosenthal, F. (1936), *Die Sprache der palmyrenischen Inschriften und ihre Stellung innerhalb des Aramäischen*, Leipzig.
- Rosivach, V. J. (1977), “Earthborns and Olympians: the *parodos* of the *Ion*”, *CQ* 27. 2: 284-294.
- Rosivach, V. J. (1988), “The Tyrant in Athenian Democracy”, *QUCC* 59: 43-57.
- Rossillon, Ph. (ed.) (1995), *Atlas de la langue française*, Paris.
- Rossiter, J. J. (1978), *Roman Farm Buildings in Italy* (BAR int. Ser. 52), Oxford.
- Rössler, O. (1980), “Libyen von der Cyrenaica bis zur Mauretania Tingitana”, in G. Neumann, J. Untermann (eds.), *Die Sprachen im Römischen Reich der Kaiserzeit. (Bonner Jahrbücher des Rheinischen Landesmuseums in Bonn im Landschaftsverband Rheinland und des Vereins von Altertumsfreunden im Rheinlande 40)*. Köln, 267-284.
- Rubenstein, L. (2004), “Ionia”, in M. H Hansen, T. H. Nielsen (eds.), *An Inventory of Archaic and Classical poleis*, Oxford, 1053-1107.
- Rucquoi, A. (2003), “Rois et princes portugais chez les auteurs castillans du XV^{ème} siècle», *Península. Revista de Estudos Ibéricos. Entre Portugal e Espanha. Relações Culturais (séculos XV- XVIII)*. In *Honorem Jose Adriano de Freitas Carvalho*, 0: 39-51.
- Ruggini, L. C. (1989), “Felix Temporum Reparatio”, in A. Dihle (coord.), *Realtà socio-economica in movimento durante un ventennio di regno (Costanzo II Augusto, 337-361 d.C.)*, *L’eglise et l’empire au IV siècle*, Genève, 179-243.
- Rüpke, J. (2005), *Fasti sacerdotum. Die Mitglieder der Priesterchaften und das sakrale Funktionspersonal römischer, griechischer, orientalischer und jüdisch-christlicher Kulte in der Stadt Rom von 300 v. Chr. bis 499 n. Chr.*, Wiesbaden.
- Rusjaeva, A., Vinogradov, Ju. G., (2000), “Apollon Ietros. Herrscher von Istros”, in A. Avram, M. Babeş (eds.), *Olbia, Civilisation grecque et cultures antiques périphériques. Hommages à P. Alexandrescu à son 70^e anniversaire*, Bucarest, 229-234.
- Rutishauer, B. (2012), *Athens and the Cyclades. Economic Strategies 540-314 BC*, Oxford.
- Sabbadini, R. (1905), *Le scoperte dei codici latini e greci ne’ secoli XIV e XV*, Florencia.

- Sabbadini, R. (1914), *Le scoperte dei codici latini e greci ne' secoli XIV e XV*, Florencia.
- Saddington, D.B. (1999), "Roman soldiers, local gods and interpretatio Romana in Roman Germany", *ActaCl* 42:155-169.
- Salazar, A. M. (1976), "El impacto humanístico de las misiones diplomáticas de Alonso de Cartagena en la Corte de Portugal entre medioevo y renacimiento (1421-31)", in A. D. Deyermond (ed.), *Medieval Hispanic Studies presented to Rita Hamilton*, Londres, 215-226.
- Salinas, M. (1995), "Los inicios de la epigrafía en Lusitania oriental", in F. Beltrán (ed.), *Roma y el naámiento de la cultura epigráfica en Occidente*, Zaragoza, 281-291.
- Salway, B. (2001), "Travel, Itineraria and Tabellaria", in C. Adams and R. Laurence (eds.), *Travel and Geography in the Roman Empire*, Londres, Nova Iorque, 22-66.
- Santo Agostinho (2009 12ª ed.), *A cidade de Deus*, trad. de Oscar Paes Leme, 2 v., Vozes, Petrópolis, São Paulo.
- Santos, M. J. A. (1998), *Vida e morte de um mosteiro cisterciense. S. Paulo de Almaziva – Séculos XIII-XV*, Lisboa.
- Saumagne, C. (1928), "Iter populo debetur", *Révue d'Histoire, de Littérature et d'Histoire Anciennes* 54: 320-353.
- Scheer, T. S. (2003), "The Past in na Hellenistic Present: Myth and Local Tradition", in A. Erskine (ed.), *A Companion to the Hellenistic World*, Oxford, 216-231.
- Scheid, J. (2015), "Les Augustea et le culte des empereurs. Réflexions sur les rites célébrés dans ces lieux de culte", in P. Gros, E. Marin, M. Zink (eds.), *Auguste, son époque et l'Augusteum de Narona. Actes du colloque organisé à l'Académie des Inscriptions et Belles-Letres et l'Université Catholique de Croatie (Zagreb) 12 décembre 2014*, 17-30, Paris.
- Schilardi, G. (ed.) (1997), *Filostrato. Immagini*, Lecce.
- Schmidt, R. (1980), "Die Ostgrenze von Armenien über Mesopotamien, Syrien bis Arabien", in G. Neumann, J. Untermann (eds.), *Die Sprachen im Römischen Reich der Kaiserzeit. (Bonner Jahrbücher des Rheinischen Landesmuseums in Bonn im Landschaftsverband Rheinland und des Vereins von Altertumsfreunden im Rheinlande 40)*. Köln, 187-214.
- Schmidt, Th., Fleury, P. (2011), *Perceptions of the Second Sophistic and its Times. Regards sur la seconde sophistique et son époque*, Toronto, Buffalo, London.
- Schwartz, J. (1960), *Pseudo-Hesioda: recherches sur la composition, la diffusion et la disparition ancienne d'oeuvres attribuées à Hésiode*, Leiden.
- Scott, K. (1936), *The Imperial Cult under the Flavians*, Stuttgart.
- Sealey, R. (1976), *A history of Greek city-states 700 -338 B. C.* Berkeley.

- Seignobos, Ch. (1969), *Histoire sincère de la nation française*, Paris.
- Semerari, L. (2000), *Aula Magna Università degli Studi di Bari*, Bari.
- Sergent, B. (2006), “Sucellus et le tonneau”, in *Anthropology of the Indo-European World and Material Culture. Proceedings of the 5th International Colloquium of Anthropology of the Indo-European World and Comparative Mythology*, Budapest, 61-80.
- Serra, J. C. da (1972), *Academia Real das Sciencias de Lisboa*, II, cap. VII, Lisboa.
- Sforza, W. C. (1951), “Osservazioni sul ‘De nobilitate legum’ di Coluccio Salutati”, in E. Castelli (ed.), *Umanesimo e Scienza politica (Atti del congresso Internazionale di Studi Umanistici, Roma-Firenze, 1949)*, Milano.
- Shapiro, H.A. (1993), *Personification in Greek art: the representation of abstract concepts 600-400 b.C.*, Zürich.
- Shaw, M. H. (1982), “The ἦθος of Theseus in ‘The Suppliant Women’”, *Hermes* 110. 1: 3-19.
- Shorrock, R. (2011), *The Myth of Paganism: Nonnus, Dionysus and the World of Late Antiquity*, Bristol.
- Sigeia, L. (1970), *Dialogue de deux jeunes filles sur la vie de retraite (1552)*, Présenté, traduit et annoté par O. Sauvage (ed.), Paris.
- Sillières, P. (1990), *Les voies de communication de l’Hispanie méridionale*, Paris.
- Silva, N. J. E. G. (1964), *Humanismo e Direito em Portugal no século XVI*, Lisboa.
- Simón, I. (2013), *Los soportes de la epigrafía paleohispánica. Inscripciones sobre piedra, bronce y cerámica*, Zaragoza, Sevilla.
- Siniscalco, P. (2004, 5ª ed.), *Il cammino di Cristo nell’Impero romano*, Roma, Bari.
- Slavazzi, F. (2006), “Il ciclo di rilievi della Kaisersaal del ginnasio di Vedio a Efeso”, in *Iconografia 2005. Immagini e immaginari dell’antichità classica al mondo moderno*, Roma, 235-243
- Smyth, A. C. (2011), *Polis and Personification in Classical Athenian Art*, Leiden.
- Snodgrass, A. M. (1977), *Archaeology and the rise of the Greek state*, Cambridge.
- Snodgrass, A. M. (1980), *Archaic Greece. The age of experiment*, Londres.
- Soares, C. (2008), *Platão. O Político*. Tradução do grego, introdução e notas, Lisboa.
- Soares, C. (2014), “Theoria e práxis política em Heródoto”, *Cuadernos de Filología Clássica: Estudios griegos e indoeuropeus* 24: 57-79.
- Soares, N. C. (1994), *O príncipe ideal no século XVI e a obra de D. Jerónimo Osório*, Coimbra.
- Soares, N. C. (2002), “O infante D. Pedro e a cultura portuguesa”, *Biblos. Revista da Faculdade de Letras* 78:107-128.

- Sodano, A. R. (1970), *Porphyrii Quaestionum Homericarum Liber I*, Napoli.
- Solas, J. G. (2008), “Escrito sobre la ciudad”, *Pensar la publicidad*, II, n. 2: 37-62.
- Sordi, M. (1965), *Il cristianesimo e Roma*, Bologna.
- Sordi, M. (1984), *I cristiani e l'impero romano*, Milano.
- Soria, A. (1956), *Los humanistas de la Corte de Alfonso el Magnánimo (según los epistolarios)*, Granada.
- Sousa, D. A. C. de (1946-1954), *Memória dos livros do uso del Rey D. Duarte*, in *Provas da história genealógica da casa real portuguesa*, tomo I, liv. III, Coimbra.
- Sousa, R., Fialho, M. C., Haggag, M., Rodrigues, N. S. (2013), *Alexandrea ad Aegyptum: The Legacy of Multiculturalism in Antiquity*, Lisboa.
- Spickermann, W. (1997), “Aspekte einer neuen regionalen Religion und der Prozess der “interpretatio” im römischen Germanien, Rätien und Noricum“, in *Römische Reichsreligion und Provinzialreligion*, Tübingen, 145-167.
- Spyridakis, S. (1968), “Zeus is Dead: Euhemerus and Crete”, *CJ* 63: 337-340.
- Stafford, E., Herrin, J. (eds.) (2005), *Personification in the Greek World from Antiquity to Byzantium*, Burlington.
- Statuta capitulorum generalium ordinis Cisterciensis ab anno 1116 ad annum 1786 edidit Josephus M.^{ia} Canivez* (1933-1941), 8 vols., Louvain.
- Stefan, A. (2005), “Le titre de *filius Augustorum* de Maximin et Constantin et la théologie de la tétrarchie”, in M.-F. Baslez, F. Prévot (eds.), *Prosopographie et histoire religieuse. Actes du colloque tenu en l'Université Paris XII-Val de Marne le 27 & 28 octobre 2000*, Paris, 329-349
- Stefani, G. (1986), “I cippi a botte della provincia Sardinia”, *Nuovo bullettino Archeologico Sardo* 3: 115-160.
- Stefani, G. (1988), “Cippi a botte nella basilica di S. Saturnino a Cagliari”, *Quaderni della Soprintendenza archeologica per le province di Cagliari e Oristano* 5: 167-175.
- Stegmann, A. (1977), “La place de la praxis dans la notion de ‘raison d’État’”, in *Théorie et pratique politiques à la Renaissance*, Paris.
- Steinbrecher, M. (1985), *Der Delisch-Attischen Seebund und die Athenisch-Spartanischen Beziehungen in der Kimonischen Ära (478/77 – 462/1)*, Berlin.
- Stemmer, K (ed.) (1995), *Standorte – Kontext und Funktion antiker Skulptur*, Berlin.
- Sterckx, C. (2008), “Sucellos et le casque d’Hadès”, in *Philomythia. Mélanges offerts à Alain Moreau*, Monts, 223-229.
- Stern, J. (1996), *Palaephatus. Peri Apiston. On Unbelievable Tales*, Wauconda.

- Stern, J. (1999), “Rationalizing Myth: Methods and Motives in Palaephatus” in R. Buxton, R. (ed.), *From Myth to Reason? Studies in the Development of Greek Thought*, Oxford, 215-222.
- Stewart, A. (1990), *Greek Sculpture: an exploration*, New Haven, Yale.
- Storey, I. C. (2003), *Eupolis poet of old comedy*, Oxford.
- Stowe Mead, G. R. (1901), *Apollonius of Tyana, the Philosopher-Reformer of the First Century A.D.*, London.
- Strassler, R. B. (ed.) (2007), *Landmark Herodotus: The Histories*, New York.
- Strassler, R.B. (ed.) (2009), *Landmark Herodotus: The Histories*, New York.
- Strootman, R. (2010), “Literature and the Kings”, in Clauss, J., Cuypers, M. (eds.), *A Companion to Hellenistic Literature*, Malden, Oxford, 30-45.
- Suberbiola Martínez, J. (1987), *Nuevos concilios hispano-romanos de los siglos III y IV. La colección de Ekvira*, Málaga.
- Szabó, Á. (2007), *Daciai papság*, Budapest.
- Szabó, Á. (2008), “Sulla questione dello statuto giuridico dei sacerdoti provinciali durante il principato. Studio preliminare”, *Iustum Aequum Salutare* 4: 71-81.
- Tamerl, I. (2008), *Das Holzfass in der römischen Antike mit einer Studie zu Fassfunden in Raetien*, Diplomarbeit presso l'Università di Innsbruck, consultabile presso la Universitäts- und Landesbibliothek Innsbruck DG43696.
- Tate, J. (1927), “The Beginnings of Greek Allegory”, *CR* 41.6: 214-215.
- Tchernia, A. (1986), *Le vin de l'Italie romaine. Essai d'histoire économique d'après les amphores* (BEFAR 261), Rome.
- Teive, D. de (1786), *Epodos Que Cont'em Sentenças Uteis A todos os Homens, A's quaes se acrescentão Regras para a boa educação de hum príncipe*. Trad. no vulgar em verso solto por Francisco de Andrade (conforme à ed. de Lisboa, 1565), Lisboa, Na Of. Patr. de Francisco Luiz Ameno.
- Temporini, H. (1978), *Die Frauen am Hofe Trajans. Ein Beitrag zur Stellung der Augustae im Principat*, Berlin, New York.
- Thomson de Grummond, N. (2006), *Etruscan Myth. Sacred History, and Legend*, Philadelphia.
- Tomlin, R. S. O. (1987), “Was ancient British Celtic ever a written language? Two texts from Roman Bath”, *Bulletin of the Board of Celtic Studies* 34: 18-25.
- Topál, J. (1990), “Der Import der sogenannten Moselweinkeramik in Pannonien”, *ReiCretActa* 27-28: 177-184.
- Tortorici, E. (1975), *Castra Albana. Forma Italia, Regio I*, Roma.
- Touchard, J. (1959), *Histoire des idées politiques*, I. Paris [trad. port. Lisboa, 1970].

- Tranoy, A. (1981), *La Galice romaine*, Paris.
- Tuchelt, K. (1981), “Zum Problem Kaisareion-Sebasteion. Eine Frage zu den Anfängen des römischen Kaiserkultes”, *MDAI*, 31 : 167-186.
- Ulbert, G. (1959), “Römische Holzfässer aus Regensburg”, *Bayerische Vorgeschichtsblätter* 24: 6-29.
- Ullman, B. L. (1963), *The humanism of Coluccio Salutati*, Padova.
- Ullmann, W. (1980), *Radici del Rinascimento* (tr. ital.), Roma, Bari.
- Unz, R.K. (1985), “The Surplus of the Athenian *phoros*”, *GRBS* 26: 21-42.
- Ureña Prieto, M. H. (2001), *Dicionário de Literatura Grega*, Lisboa.
- Valiño, A. (1999), “La cerveza en las fuentes romanas. Base textual y fijación de su importancia”, *AncHistB* 13: 60-71.
- Van Haeperen, F. (2002), “Le collège pontifical (3ème s. a.C.-4ème s. p.C.)”, *Études de Philologie, d'Archéologie et d'Histoire Anciennes* 39: 11-42.
- Varner, E.R. (2004), *Mutilation and transformation. Damnatio memoriae and Roman Imperial Portraiture*, Leiden, Boston.
- Várzeas, M. I. O. (2013), “Callimachus and the New Paths of Myth”, in R. Sousa et alii (coord.) *Alexandrea ad Aegyptum: the legacy of multiculturalismo in antiquity*. Lisboa.
- Velaza, J. (2003), “Epigrafía ibérica emporitana: bases para una reconsideración”, *Palaeohispanica* 3: 179-192.
- Velaza, J. (2003a), “Las inscripciones monetales”, in P. P. Ripollés, M. del M. Llorens, *Arse-Saguntum. Historia monetaria de la ciudad y su territorio*, Sagunto, 121-148.
- Velaza, J. (2009), “Epigrafía y literacy paleohispánica en territorio vascón”, *Palaeohispanica* 9: 611-622.
- Vergerio, P. P. (1934), “Epistolario di Pier Paolo Vergerio”, in L. Smith (ed.), *Fonti per la storia d' Italia*, vol. 74, Roma, 436-445.
- Vierneisel, K., Zanker, P. (1979), *Die Bildnisse des Augustus: Herrscherbild und Politik in kaiserlichen Rom*, München.
- Villar, F., Pedrero, R. (2001), “Arroyo de la Luz III”, *Palaeohispanica* 1: 235-274.
- Vinogradov, J. G. (2000), “Heilkundige Eleaten in den Schwarzmeergründungen”, in M. Dreher (ed.), *Bürgersinn und staatliche Macht. Festschrift für Wolfgang Schuller zum 65. Geburtstag*, Konstanz, 133-149.
- Vittinghoff, F. (1951), *Römische Kolonisation und Bürgerrechtspolitik unter Caesar und Augustus*, Wiesbaden.
- Vives, J., Marín, T., Martínez, G. (1963), *Concilios visigóticos e hispano-romanos*, Madrid, Barcelona.

- Voragine, T. (2004), *Legenda Áurea*. Apresentação do Cardeal Dom José Saraiva Martins e introdução do Doutor Aníbal Pinto de Castro. Tomo Segundo, Porto.
- Waern, I. (1951), ΓΗΣ ΟΣΤΕΑ. *The Kenning in Pre-Christian Poetry*, Uppsala.
- Wallace, M. B., Figueira, T. J. (2010), “Notes on the Island *Phoros*”, *ZPE* 172: 65-69.
- Wallace-Hadrill, A. (2005), “*Mutatas formas*: The Augustan Transformation of Roman Knowledge”, in K. Galinsky (ed.), *The Cambridge Companion to the Age of Augustus*, Cambridge, 55-84.
- Wallinga, H. T. (2005), *Xerxes' Greek Adventure. The Naval Perspective*, Leiden.
- Walter, H. (1993), *Ägina: die archäologische Geschichte einer griechischen Insel*, München.
- Walters, K. R. (1981), “Four Hundred Athenian Ships at Salamis?”, *RhM* 124: 199-203.
- Wankel, H. (1983), “Thukydides 1,74,1 und die Schiffszahlen von Salamis”, *ZPE* 52: 63-66.
- Wells, J. (1923), *Studies in Herodotus*, Oxford.
- Wesseling, P. (ed.) (1735), “Itinerarium Antonini Augusti”, *Vetera Romanorum Itineraria*, Amesterdão.
- West, M. L. (1985), *The Hesiodic Catalogue of Women: Its Nature, Structure, and Origins*, Oxford.
- Westrem, S. D. (2001), *The Hereford Map. A Transcription and Translation of the Legend with Commentary*, Turnhout.
- Williams, D. (1987), “Aegina, Aphaia-Tempel XI: the pottery from the second limestone temple and the later history of the sanctuary”, *AA*: 629-680.
- Williamson, G. (2004), “Aspects of identity”, in C. Howgego, V. Heuchert, A. Burnett (eds.), *Coinage and Identity in the Roman Provinces*, Oxford, 19-27.
- Winiarczyk, M. (2013), *The «Sacred History» of Euhemerus of Messene*, Berlin.
- Witschel, Chr. (1995a), “Römische Tempelkultbilder und Römische Kaiserstatuen als Tempelkultbilder”, in K. Stemmer, (ed.), *Standorte. Kontext und Funktion antiker Skulptur; Ausstellungskatalog Abgufssammlung*, Berlin, 250-265.
- Witschel, Chr. (1995b), “Statuen auf römischen Platzanlagen unter besonderer Berücksichtigung von Timgad (Algerien)”, in K. Stemmer (ed.), *Standorte. Kontext und Funktion antiker Skulptur; Ausstellungskatalog Abgufssammlung*, Berlin, 332-358.
- Witschel, Chr. (2002), “Zum Problem der Identifizierung von munizipalen Kaiserkultstätten”, *Klio* 84: 114-124.

- Wlosok, A. (ed.) (1978), *Römischer Kaiserkult*, Darmstadt.
- Wojciechowski, P. (2002), “Il culto di Beleno ad Aquileia romana. Origini, interpretatio Romana e la cosiddetta rinascita celtica”, in *Gli echi della terra. Presenze celtiche in Friuli. Dati materiali e momenti dell'immaginario. Convegno di studi, Castello di Gorizia, 5 - 7 ottobre 2001*, Pisa, 29-35.
- Woodard, R. (ed.) (2007), *The Cambridge Companion to Greek Mythology*, Cambridge.
- Woodhead, A. G. (1962), *The Greeks in the West*. London. (Trad. port., *Os Gregos no Ocidente*).
- Wolf, G. (1996), “Monumental writing and the expansion of the Roman society in the Early Empire”, *JRS* 86: 22-39.
- Wolf, G. (2002), “Afterword. How the Latin West was won”, in A. Cooney (ed.), *Becoming Roman, writing Latin? Literacy and Epigraphy in the Roman West*, *JRA Suppl. Ser.* 48: 181-188.
- Yatromanolakis, Y. (2005), “*Poleos erastes*. The Greek city as the beloved”, in E. Stafford, J. Herrin (eds.), *Personification in the Greek World: From Antiquity to Byzantium*, London, 267-284.
- Young, T. Cuyler (1980), “480/479 B.C. – A Persian Perspective”, *Iranica Antiqua* 15: 213-39.
- Zamora, J. A. (2005), “La práctica de escribir entre los primeros fenicios peninsulares y la introducción de la escritura entre los pueblos paleohispánicos”, *Palaeohispanica* 5: 155-19.
- Zanichelli, G. Z. (2005), “Il mito di Troia nell'immaginario medievale”, in G. Burzacchini (coord.), *Troia tra realtà e leggenda*, Parma.
- Zanker, P. (1983), *Provinzielle Kaiserporträts. Zur Rezeption der Selbstdarstellung der Princeps*, München.
- Zaoli, G. (1912), “Lo Studio bolognese e papa Martino V”, *Studi e Memorie per la storia dell'Università di Bologna* I – série v. III: 105-188.
- Zecchini, G. (ed.) (2015), *L'Augusteum di Narona. Atti della Giornata di Studi. Roma 31 maggio 2013*, (Centro ricerche e documentazione sull'antichità classica, monografie, 37), Roma.
- Zimmermann, K. (2000), “‘Αφροδίτη' ἀνεθήκε.....Zu einem Dachziegel mit Votivinschrift”, in A. Avram, M. Babeş (eds), *Olbia, Civilisation grecque et cultures antiques périphériques. Hommages à P. Alexandrescu à son 70^e anniversaire*, Bucarest, 239-251.
- Zurara, G. E. de (1972), *Chronica do Conde Dom Pedro de Meneses*, II, Lisboa.